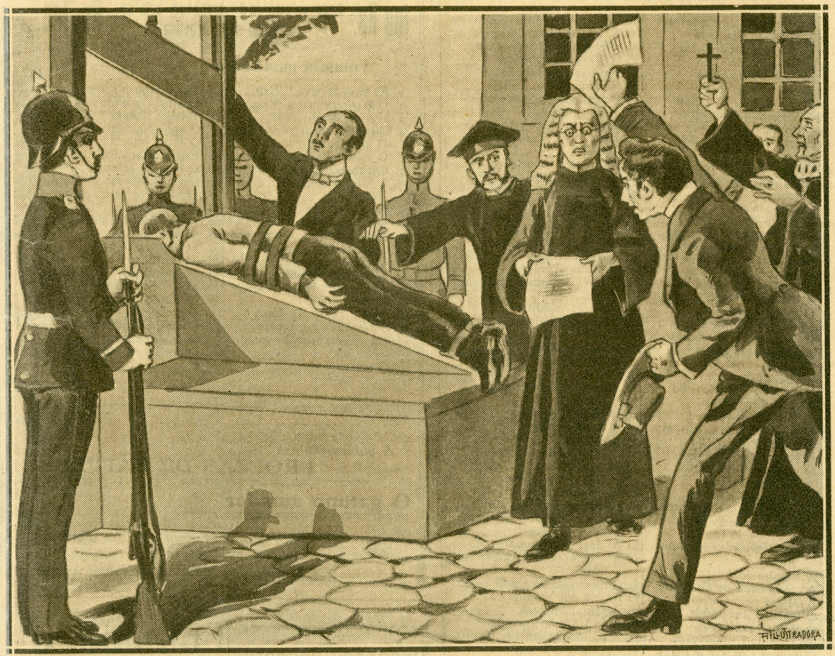
— CADA NUMERO CONTÊM UMA OBRA COMPLETA —

·A NOVELLA POPULAR· N.º 99



Aventuras extraordinarias d'um policia secreta

O vampiro de Londres



EDITOR E PROPRIETARIO, F. A. MIRANDA E SOUSA
COMP. E IMP. NA EMP. LUSITANA EDITORA —
C. DO FERREGIAL, 23 PERTENCENTE AO EDITOR

PREÇO 60 REIS

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO DA NOVELLA POPULAR
C. DO FERREGIAL, 23, LISBOA

wlu85-168570

Aventuras de Lord JACKSON

Genial e audacioso policia amador

O unico rival de SHERLOCK HOLMES

Volumes publicados a 60 réis cada

Crimes no palacio Jackson. 2 O osso d'uma perna 3 Evasão d'um malvado 4 Crimes impunes 5 Calvario d'um assassino 6 Um attentado terrorista 7 A creança martyr 8 Resgate sangrento 9 A falsa suicida 10 Um drama nas nuvens 11 Junto da Guilhotina 12 Jackson, em poder dos bandidos 13 O cão policia 14 O esqueleto vivo 15 Bandidos de casaca 16 A rainha dos apaches 17 Duas façanhas notaveis 18 Jackson envenenado 19 Ressurreição de Jackson 20 Sapatos de defuncto 21 Lord Jackson contra Sherlock Holmes 22 Mulheres policias. 23. Um milhão de francos. 24. As bravatas de um Yankée. 25. Corações torturados 26. O quarto dos mortos.

— CADA NUMERO CONTÉM UMA OBRA COMPLETA —

A NOVELLA POPULAR



Aventuras extraordinarias dum policia secreto

Numeros publicados

1 O Mercador de Cadaveres
2 A Filha do Usurario
3 O Crime d'um Jogador
4 O Incendio do Polo
5 Rocabol, o Bandido
6 A Mala Sangrenta
7 O Noivo desapparecido
8 A Virgem da Floresta
9 O Roubo do diamante azul
10 Blackwell, o Pirata do Tamisa
11 Os Voluntarios de Guise
12 O Faro de Sherlock Holmes
13 Os Moedeiros Falsos
14 O Outro Eu
15 O Thesouro do Negreiro
16 O Kodak Traiçoeiro
17 As Rendas da Rainha
18 Sombra e Luz
19 O Crime da Porta Saint-Martin
20 O Testamento Falso
21 Genio e Loucura
22 O Assassinio Mysterioso
23 As Joias Sangrentas
24 O Phantasma do Castello de Milster
25 Um Prego n'um Craneo
26 Jack, o Estripador
27 A Caveira de Bronze
28 O Assassino de Creanças
29 O Judeu Polaco
30 O Morto Ressuscitado
31 O Capitão Vermelho
32 A Machina Infernal
33 O Ladrão Fidalgo
34 600:000 frs. de diamantes
35 O Trapeiro de Paris
36 Os Ciumes do Lord
37 As Façanhas de Pied-de-Bœuf
38 A Rainha do Ar
39 A Linda Irmã de Caridade
40 A Morte pelo Correio
41 O Quadro Revelador
42 O Punhal do Negus
43 No Paiz da Espionagem
44 O Rei dos Contrabandistas
45 A Casa Tragica
46 Os Pyrilampos de Nova-York
47 A Envenenadora de Castle Rock
48 O Forçado Martyr
49 O Tumulo no Pharol
50 Paixão Fatal
51 A Torre Mysteriosa
52 Os Treze Apaches
53 O Rapto do Morgadinho
54 A Vingança da Camorra
55 O Segredo do Sepulchro
56 O Terror de Boston
57 Um Erro da Justiça
58 Victima da Innocencia
59 O Segredo da Somnambula
60 Mysterios d'um crime.
60 (Supp.) O Homem Invisivel
61 A' Porta da morte.
62 A Caça ao Homem
63 O Medico Criminoso
64 Uma familia tragica
64 (Sup.) O aperto de mão fatal
65 Um drama na India
66 O Segredo do pantano
67 A Encarcerada
68 O filho natural
68 (Supp.) A mulher dos olhos verdes.
69 A Praga maldita
70 Os companheiros do crime
71 A loucura do ciume.
72 O Rei da India
73 O testamento do presidiario
73 (Supp.) Elixir magico
74 Alma negra
75 O homem macaco
76 A dama velada
77 Em volta d'um throno
77 (Supp.) Odio de mulher
78 O contrabandista d'opio
79 Drama n'um balão
80 Os bastidores do crime
81 O carnaval em Colonna
81 (Supp.) O crime de Grosvenor Place
82 A' caça da fortuna
83 A prisioneira do campanario
84 O naufragio do Corfú
85 Escola dos criminosos
86 A tatuagem azul
86 (Sup.) A mão cortada
87 A sociedade dos 13
88 Caçada nas trevas
89 O mercador de escravas
90 O thesouro do indio
91 Nupcias tragicas
91 (Sup.) O Rapido do Aryzona
92 Os subterraneos de Vienna
93 O athleta desapparecido
94 A ilha da peste
95 O falsario
96 A viuva sanguinaria

O LIVRO POPULAR

Collecção de romances dos melhores auctores

Romances de amor—Romances de aventuras—Romances de capa e espada—Romances policiaes

100 Rs. Cada volume in-8.º brochado, com explendida capa artistica **Rs. 100**

Volumes publicados

1. Enterrada viva * (Exg.)
2. O Mascara negra (Exg.)
3 Segredo do abysmo *
4. Castigo d'um falsario (Exg.)
5. O amante da rainha *
6. O roubo das reaes ordens
7. Um thesouro n'um athaúde
8. Um rival de Sherlock Holmes *
9. Uma aventura nocturna
10. Um parisiense na Persia *
11. Estratagema d'um banqueiro
12. O padre sangrento *
13. O principe logador
14. As catacumbas de Paris
15. Amor e dinheiro
16. Vingança de Musolino *
17. O retrato da princeza
18. Os diamantes do duque Norfolk
19. O mascara vermelha *
20. Um thesouro submarino
22. Um assalto n'um comboio
22. Milagre d'amor *
23. O apostolo de prata
24. O falso policia
25. Entre os apaches de Paris
26. O flagello errante.
27. Um galanteador Burlado.
28. O herdeiro de Eagiestone
29. A Mão Negra.
30. Nas Ruinas de Messina
31. O Alchimista
32. O segredo do anel
33. O thesouro de Siwa
34. O mutiliador de creanças
35. O Rei dos doidos
36. O segredo do general
37. R. 100
38. O enygma indiano
39. O espião millionario
40. O presidente do banco
41. O sobrescripto azul

* As obras marcadas com este signal não fazem parte das *Proezas de Raffles.*

A publicação das

PROEZAS DE RAFFLES

O gatuno amador

alternará no **Livro Popular** com novellas d'outros auctores, seleccionadas com o maior escrupulo.

Prazeres secretos do amor

pelo dr. Jaf.

1 grosso vol. ed. de luxo e capa artistica 600 rs.

Novidade Litteraria

Acaba de ser publicado:

Os espinhos do adulterio

por Victorien du Saussay

1 volume 300

ACD 623.91 D598.99 P47 v.4 no. 99

Numero 99 **Lisboa, 11 de Maio de 1911** **3 Anno**

O vampiro de Londres

por Conan Doyle

CAPITULO I

O assassinio da rua do Duque

—Parece-me, meu caro Harry, que é já tempo de acabarmos o passeio nocturno que emprehendemos, apezar do denso nevoeiro, a teu pedido.

Assim fallava o celebre criminalista Sherlock Holmes ao seu ajudante Harry Taxon, quando atravessavam a vasta praça de Hyde Park.

Em seguida continuou:

—Pela minha parte, não teria inconveniente em prolongar o passeio, pois como dizes, e muito bem, o ar fresco é magnifico para os meus nervos fatigados pelo rude trabalho das ultimas semanas. Mas deves estar extenuado e precisas descansar.

—Está enganado, sr. Holmes, replicou Harry. Não ha ninguem que goze mais do que eu com um passeio nocturno. A noite é a amiga dos policias. Além d'isso, quem sabe se, passeiando um pouco, não acontecerá alguma coisa que valha a pena?

—E' possivel. Tenho o presentimento de que encontraremos o que quer que seja que prenderá a nossa attenção. Continuemos, pois, a caminhar, mas que tempo aborrecido! Não se vê a um metro de distancia. Favorecidos por este denso nevoeiro, pódem commetter-se innumeraveis crimes. Mas, silencio, parece que se ouvem passos atraz de nós...

—E' verdade, mestre. São passos de homem e de homem que deve ir com muita pressa. Olhe, ali vae a sua sombra; agora passa por baixo do candeeiro... parece um phantasma.

O homem havia chegado junto dos dois policias.

Era muito magro, de aspecto sinistro. A julgar pelo vestuario, devia pertencer á classe abastada. Apparentava ter uns trinta e cinco annos.

—Boas noites, cavalheiros, disse com accento extrangeiro e saudando militarmente ao mesmo tempo que pegava na aba do chapéu e o enterrava mais na cabeça. Creio que é este o caminho para Dukestreet e para o Hotel da União... E' difficil orientarmo-nos com este nevoeiro, não conhecendo bem o bairro.

—E' verdade, respondeu Sherlock Holmes.

E fixou o olhar no desconhecido, que levava oculos azues.

—Apezar d'isso, está em bom caminho. A Dukestreet, e o Hotel da União não distam cem passos d'aqui. E' a segunda rua á esquerda.

—Muito obrigado, disse o desconhecido em tom breve.

Afastou-se apressadamente e em breve desappareceia no nevoeiro.

—Caspité! exclamou Harry Taxon. Aquelle homem parece que saiu do tumulo.

—Que dizes tu?

—Não lhe reparou no rosto? Nunca vi outro tão

pallido e tão rigido como o d'elle. Os vidros dos oculos augmentavam o horror da visão. Parecia um craneo com oculos!

«O rosto d'aquelle homem fez-me recordar, sem que saiba porquê, os vampiros, quando saem de noite em procura de victimas, para lhes chupar o sangue...

—Não fizeste mal a comparação. Na realidade, aquelle homem mette medo. Vamos seguil-o, a fim de verificar se com effeito elle se dirige ao hotel.

«Desejava examinal o de novo, de perto.

«Pareceu-me que aquelle rosto não era natural. Aquella rigidez impressionou me e atrever-me-hia a apostar em como leva uma mascara das mais aperfeiçoadas.

Depois d'este dialogo, os dois estugaram o passo, a fim de alcançarem o suspeito.

Este parecia levar muita pressa.

Por entre as sombras do nevoeiro, viram-no no outro lado da rua do Duque, quando ali chegaram.

De subito, o desconhecido desappareceu no portal de uma casa.

Era proximo do hotel que elle procurava.

Provavelmente enganára-se, devido á escuridão.

Sherlock Holmes e Harry iam atravessar a rua para servirem de guia ao desconhecido, quando de subito ouviram clamores de angustia no interior do portal onde elle havia desapparecido.

—Soccorro!... Soccorro!...

Immediatamente appareceu um agente de policia.

Quando, um instante depois, chegavam Sherlock Holmes e o seu ajudante, o apito de alarme do policia punha em alvoroço os transeuntes.

Outros policias, que se encontravam na praça de Hyde-Park, acudiram pressurosos.

No portal havia duas luzes accesas, ao fraco clarão das quaes se podia vêr um grupo de policias, rodeando os seus collegas amadores e o desconhecido e todos olhando para o chão.

—Que susto que tive, meus senhores! dizia o desconhecido. No momento em que aqui entrei e ia chamar alguem, julgando ter entrado no Hotel da União, tropecei no corpo d'esta mulher.

Dirigindo-se a Sherlock Holmes e a Harry, cuja presença ali acabava de notar:

—Não é verdade, cavalheiros, que nos encontrámos ha poucos minutos na grande praça? Quem havia de pensar que nos esperava tal surpreza?

«Felizmente que me seguiram, pois assim poderão testemunhar que estivemos ha momentos juntos. Se assim não fôsse, talvez me tivessem tomado, quem sabe? pelo auctor do assassinio, pois, ao que parece, trata-se de um crime.

O desconhecido indicou, estremecendo, o corpo de uma mulher elegantemente vestida, que jazia no meio de um charco de sangue.

Tinha os olhos abertos, mas vitreos, sem brilho. Parecia um cadaver.

—Parece, diz o senhor? replicou Sherlock Holmes. Não ha duvida alguma que se trata de um crime.

Emquanto assim fallava, o criminalista illuminou com os raios da sua lanterna electrica as feições da mulher, a qual apparentava ter uns vinte e cinco annos e era extraordinariamente formosa, tendo o cabello preto e abundante.

Quando os raios da lanterna incidiram sobre a garganta da morta, os circumstantes soltaram um grito de espanto.

Na carotida via-se uma ferida singular.

Em roda d'ella pareciam vêr-se signaes de dentes.

Na bôcca da ferida parecia tambem descobrir se que uma bôcca humana chupára o sangue.

Uma fera com figura humana devia ter mordido a desventurada na garganta e bebido o sangue fumegante.

Um vampiro havia exècutado a sua nefasta obra.

Sherlock Holmes não poude deixar de pensar no desconhecido.

Voltou-se rapidamente, decidido a arrancar-lhe a mascara, se effectivamente levava mascara, mas a rigidez do rosto desappareceu.

Sob o olhar penetrante do criminalista, as feições do desconhecido pareciam tomar uma expressão de ironia.

Sherlock Holmes voltou-se de novo para o cadaver, no qual os policias acabavam de descobrir uma particularidade.

O dedo annullar da mão direita fôra cortado.

Era evidente que o mutilador se servira de um instrumento ou de uma navalha muito afiada.

Os policias exclamaram em unisono:

—E' horrivel... ascoroso... Nunca se viu coisa assim...

Em seguida, durante alguns minutos, todos ficaram assombrados, mudos de horror.

Finalmente lembraram-se de que não deviam ali deixar a victima e que urgia trasladal-a para o commissariado, d'onde se daria parte do acontecido ao commissariado central de Scotland Yard.

Alguns agentes afastaram-se apressadamente, voltando d'ahi a pouco com uma maca.

O cadaver foi ahi mettido.

Um dos agentes pediu o seu bilhete de visita ao desconhecido que fizera o funebre achado, a fim de poder depôr como testemunha no auto do corpo de delicto.

O desconhecido chamava-se o dr. Ralph Munrove.

Os policias levaram em seguida o cadaver para o commissariado, começando-se d'ali a telephonar e a enviar telegrammas para differentes direcções, a fim de se poder descobrir o mysterio quanto antes e prender o criminoso.

Sherlock Holmes, que queria assistir ao exame medico do cadaver, seguiu os policias.

O caso despertára-lhe o maior interesse.

Além d'isso, tinha quasi a certeza de que o chefe da policia londrina o encarregaria do caso, tanto mais que elle presenceára o achado do cadaver. Antes de se juntar aos policias, o criminalista chamou Harry áparte e disse-lhe em voz baixa:

—E' conveniente que não voltes para casa, Harry, Trata de vigiar esse dr. Ralph Munrove.

«Arranja-te como puderes, mas não o percas de vista.

«Tenho o presentimenta de que está envolvido no crime mais do que parece.

—Está bem, sr. Holmes, disse Harry. O caso interessa-me.

«Irei ficar ao Hotel da União, para poder vigiar bem o nosso homem.

—Boa idéa. Trata, principalmente, de o não perderes de vista. Se puderes, vae amanhã de manhã a casa levar-me noticias.

Trocaram um aperto de mão e separaram-se.

Sherlock Holmes foi juntar-se aos policias, emquanto Harry se dirigia para o conhecido hotel, em que o dr. Munrove acabava de entrar.

A lucta ia travar-se. Sahiria vencedor, como sempre, o celebre criminalista?

O seguimento da narrativa nol-o dirá.

CAPITULO II

Um policia certo de triumphar

—Socega, Harry, dizia Sherlock Holmes ao seu discipulo, quando, na manhã seguinte, muito cedo, este entrava em casa, de mau humor.

A unica noticia que pudera dar ao mestre era a de que o dr. Munrove soubera illudir a sua vigilancia.

—A astucia empregada por esse patife para se descartar de ti não é nova e demonstra que o supposto dr. Munrove não é senão um antigo criminoso londrino que conhece perfeitamente os sitios e occasiões proprias para escapar aos seus perseguidores.

«Empregaste todas as precauções possiveis?

—Não podia proceder com maior prudencia do que procedi, mestre. Ao entrar no hotel, deram-me o livro de registo para inscrever o meu nome e n'elle vi que o dr. Munrove, medico em Sydney, Australia, occupava um quarto do rez do chão. Pedi que me dessem o quarto proximo, que estava desoccupado.

«Deitei me em cima da cama, sem me despir, e passei a noite acordado, á escuta.

«Ouvia os ruidos mais ligeiros, tanto no quarto d'aquelle que se nos tornára suspeito, como no resto do hotel.

«O doutor devia ter-se deitado immediatamente.

«Durante algumas horas o silencio foi absoluto, apesar de apenas um fragil tabique separar os dois quartos.

«Como é natural, eu procurava tambem não fazer ruido.

«Finalmente, ao amanhecer, ouvi a porta do numero 20, o quarto occupado pelo doutor, abrir-se silenciosamente e o medico sair para o corredor.

«Em seguida, ouvi-o trocar algumas palavras com o porteiro, em voz baixa, dirigindo-se ambos para a porta da rua.

«Essa porta foi aberta e pouco depois fechada.

«O doutor devia ter sahido.

«Sahi tambem do meu quarto e dois minutos depois, o mais tardar, estava na rua.

«Pagára ao porteiro, dizendo-lhe que tinha que apanhar o primeiro comboio, como o cavalheiro que acabava de sahir.

«Vi o doutor na rua do Duque.

«Com certeza não dera porque era seguido.

«A rua estava ainda bastante escura apesar dos candeeiros da illuminação publica estarem accesos, pois o nevoeiro de hontem não desapparecera ainda completamente.

«Devido a estas circumstancias favoraveis para mim, pude seguir o doutor a poucos passos de distancia.

«Elle ia tão depressa que me custava a seguil-o.

«Asseguro-lhe, sr. Holmes, que o não perdi de vista durante toda a rua de Oxford.

«De subito, ao chegar á esquina da rua de Oxford e de Tattenham Court Road, entrou n'uma casa...

Sherlock Holmes soltou uma gargalhada.

—E desappareceu n'ella para o não tornares a vêr! E' claro que não podia succeder outra coisa, meu caro Harry. Essa casa tem duas entradas.

«Conheço-a perfeitamente e ainda ha pouco tempo um gatuno a quem perseguia tentou escapar de egual modo e com certeza que se eu tivesse procedido como tu procedeste, elle teria conseguido o seu intento. Eu, porém, não esperei á porta que elle saisse...

—Com effeito, sr. Holmes, esperei alguns minutos na rua de Oxford, replicou Harry. Julgava que Munrove morava n'aquella casa e por isso não me resolvi a seguil-o, esperando que elle tornaria em breve a sahir.

«D'ahi a pouco, porém, comprehendi o que se passava. O maldito escapou se pela Tattenham Court Road.

Sherlock Holmes disse com a maior tranquillidade:

—Foi pena, mas emfim não é caso para ficares triste por isso. Em breve se apresentará occasião para repararés essa falta. O mais importante por agora é que o desconhecido se tornou suspeito. Continuo a acreditar que interveiu no crime e que não demorará que o tornemos a encontrar, pois a partir de hoje, Harry, vamos tratar a serio do caso, a fim de o podermos exclarecer com a maior brevidade possivel.

—O chefe da policia deu-lhe esse encargo?

—Deu e eu já o esperava.

—E consentiu em deixal-o trabalhar sem a intervenção d'elle?

—Não, infelizmente. Quiz incommodar Roberto Holk, que, segundo dizem, é um policia muito habil.

«Não me desagrada que elle se abalance a tal commettimento, mas não creio que consiga resultado.

«Parece estar convencido do contrario, pois, segundo me deu a entender, está disposto a occupar-se pessoalmente do caso e com a maior actividade, accrescentando que não precisa do auxilio de ninguem.

«Veremos, porém, quem ganha a batalha.

—Sabe-se já quem é a morta?

—Não. Nenhum dos policias a conhece, nem mesmo Holk. A unica coisa que até agora se sabe é que ella pertence á classe abastada e que não era uma prostituta, como alguns suppõem.

«Além d'isso, parece que a desventurada morreu duas horas antes de ser encontrado o seu cadaver pelo dr. Munrove, ou seja cêrca das dez horas da noite.

—Não percebo n'esse caso...

—O que me despertou a attenção foi o modo como o dr. Munrove chamou a policia.

«O medico que procedeu ao exame affirma tambem que a ferida que a victima apresenta na garganta foi feita pela mordedura de um homem. Suppõe que deve ser um maniaco como Jack, o estripador.

«Durante os ultimos mezes, diz ainda o medico, commetteram-se alguns crimes semelhantes a este.

—E que pensa de tudo isto, mestre?

—Que o mobil do assassinio foram os zelos. Supponho que o assassino marcou uma entrevista para aquelle sitio á victima, ou que a seguiu até ali, e, ao abraçal-a talvez, deu-lhe tão terrivel mordedura que lhe rasgou a carotida, provocando a morte.

«A amputação do dedo annullar é o que me faz suppôr um crime passional.

«O assassino talvez não tivesse querido consentir em que o annel do rival estivesse no dedo d'aquella a quem amava, e como é possivel que não pudesse tirar o anel é logico suppôr que lhe tenha cortado o dedo.

«Talvez se possa tirar qualquer outra deducção d'esse córte.

«Foi praticado com tal habilidade que só a póde ter feito um medico ou um cirurgião, que são praticos em taes operações.

—E que diz Holk a tal respeito?

—Esse suppõe que em breve apanhará o criminoso. Deixo-o n'essa dôce illusão. Na capa da morta descobriu o nome da firma social Watson & White, e espera, por intermedio d'essa casa, averiguar alguns pormenores a respeito da desconhecida. A casa Watson & White dedica-se á confecção de vestidos para senhoras.

«E, feito isto, o innocente Holk julga ter chegado ao fim do caminho.

«Verá, porém, as difficuldades que surgem.

«A's dez horas, iremos a Scotland Yard, onde é possivel que o encontremos.

«Se já descobriu alguma coisa, annuncial-o-ha aos quatro ventos, pois, naturalmente, será uma satisfação para elle saber que descobriu mais do que Sherlock Holmes, vangloriando-se d'isso.

E o grande criminalista teve um sorriso em que transparecia a ironia, continuando:

—Até agora nada fiz. Quero primeiro saber o resultado das pesquizas feitas pelos agentes de Scotland Yard. De resto, não quero adeantar-me, para que não possam dizer de mim que me aproveito das descobertas feitas pelos outros.

Sherlock Holmes e Harry Taxon almoçaram, passaram em revista os jornaes da manhã e em seguida dirigiram-se para Scotland Yard. Apenas ali chegaram, sem lhes dar tempo sequer a, por assim dizer, tomarem a respiração, Holk, com um sorriso de triumpho nos labios, sahiu lhes á frente.

—Bons dias, sr. Holmes, disse elle apertando a mão do grande criminalista.

A Harry Taxon apenas cumprimentou com um ligeiro movimento de cabeça.

—Já descobriu alguma coisa? continuou elle.

O grande criminalista respondeu:

—Nada, absolutamente nada. Não era possivel em tão curto espaço de tempo e supponho que não foi mais feliz do que eu.

—Parece-lhe isso? disse Holk, sorrindo. Pois está muito enganado.

—Parece mentira...

—E' claro, agora parece mentira, porque, na sua opinião, todos os outros são uns estouvados. Mas d'esta vez, vou provar-lhe que ha outros policias que percebem do seu officio tão bem como Sherlock Holmes.

—Creia que fico com isso deveras satisfeito. Já o posso felicitar? Está já na peugada do assassino?

—E' verdade, meu caro Holmes. Dentro em poucos dias conto tel-o bem aferrolhado.

—Cem mil diabos, Holk, é um homem que me

causa admiração! O seu chefe já tem conhecimento d'esse feliz resultado?

—E' claro que sim. Acabo de conferenciar com elle e escusado é dizer que o meu relatorio o deixou assombrado.

—Imagino. N'esse caso, supponho que já nada ha que fazer no assumpto, nem para mim, nem para este rapaz, que tem umas certas faculdades para a profissão de policia amador!

Holk, rindo, replicou:

—Creio que não. Sinto dizer-lh'o, mas não ha outro remedio.

—Não tem motivo para ter pena. Ao contrario, e felicito-o sinceramente pelo seu exito. Espero, porém, que satisfará a minha curiosidade. Vejamos: que foi que descobriu? Quer dizer-m'o ou vou perguntal-o ao seu chefe?

—Vou dizer-lh'o sr. Holmes. Vamos dar uma volta por James Park.

Sahiram e dirigiram-se para aquelle local.

Apenas tomaram por uma das alamedas mais solitarias, o policia Holk começou a sua narração, dizendo:

—Bastarão poucas palavras. O caso é extremamente simples e claro.

«Como sabe, sr. Holmes, descobri na capa da assassinada o distico da casa Watson & White. Fui ahi procurar informações. Segundo os registos da venda, a capa foi encommendada ha quinze dias por uma tal *miss* Branwell, professora, ao que parecia, para uma senhora chamada Adelia d'Ermont, proprietaria de uma villa situada em Chisnick.

«Dirigi-me immediatamente para ahi, pois Chisnick dista apenas tres kilometros de Charing Cross, e cheguei ali ás oito horas e meia.

«Pude entrar sem difficuldade na magnifica *villa* e submetter *miss* Branwell a um interrogatorio.

«Ao mostrar-lhe a capa, ficou extremamente surprehendida, dizendo:

«—Como é que tem esse objecto em seu poder? Vem aqui mandado por *miss* d'Ermont? Ella hontem, quando foi para Londres, levava essa capa.

«—Não, respondi eu. Essa senhora não m'a podia entregar.

«E em poucas palavras pul-a ao corrente do crime e do achado da capa.

«Ella deu um grito de espanto, exclamando a soluçar:

«—Não, isso não é possivel. Quem poderia commetter semelhante villania na pessoa de *miss* Ermont? E' uma senhora muito amavel e bondosa, que vive retirada n'esta *villa*. Não tem, não pode ter inimigos.

«Então, mostrei-lhe o retrato que hontem tirámos da victima.

«A minha interlocutora caiu meio desmaiada n'uma poltrona.

«—Sim, é ella... é ella... *miss* Adelia d'Ermont... Maldito seja o infame criminoso!

Holk ficou silencioso durante um momento, sem duvida para dar tempo a que os seus ouvintes reflectissem sobre o que acabavam de ouvir.

Apoz essa pequena pausa, continuou:

—Depois de assim averiguar a identidade da assassinada, perguntei, naturalmente, pormenores da vida de *miss* Ermont, e soube que era amante de um tal James Cotton, que a installou n'aquella *villa* ha dois annos.

«Esse James Cotton é o gerente da casa bancaria Jonnatan Hawes e vive, como celibatario, n'um andar da rua de Oxford.

«*Miss* Adelia tinha ido ali na terça feira de tarde, a fim de ter com elle uma importante entrevista.

«E' preciso saber que Cotton, que até ha poucos mezes mostrava o mais animado carinho pela sua amante, mudou subitamente, começando a tratal-a com a maior frieza.

«Adelia descobrira a causa d'essa metamorphose.

«Por algumas cartas de que poude apoderar-se, veiu a saber que James entabolara relações illicitas com a joven e bella esposa de seu chefe, Jonnatan Hawes, e que tencionava fugir com esta na terça feira.

«O rapto da sr.ª Hawes devia effectuar-se á noite.

«N'esse proprio dia, de tarde, quiz *miss* Adelia ir ter com Cotton á sua casa da rua de Oxford, para o impedir de pôr em pratica o que tencionava fazer e induzil-o a partir para o estrangeiro com ella e não com a outra.

«Queria tambem obrigar o amante a cumprir a promessa de casamento que havia já tempo lhe tinha feito.

«*Miss* Barnwell, a governante da casa, disse-me que *miss* Adelia saira de casa muito excitada e resolvida a oppôr-se, por todos os meios, aos planos de Cotton. Disse-me, além d'isso, que entre os dois amantes, na terça feira de tarde, tivera logar uma scena muito violenta.

—E' um depoimento muito importante, mas...

—Deixe-me concluir. Averiguado tudo isto, voltei a Londres e dirigi-me sem perda de tempo á rua de Oxford, onde soube pela governante de Cotton que *miss* Adelia havia ali estado effectivamente e que entre os dois amantes houvera questão.

«Poucos minutos antes das dez horas da noite, Adelia saiu de casa, muito commovida. Cotton saiu tambem d'ahi a pouco, sem que até agora tenha voltado a casa.

«Diga-me, sr. Holmes: Não é logico suppôr que

Cotton assassinou a sua amante, que queria impedil-o de fugir com a esposa do seu chefe?

—E fugiu realmente com Ellen Hawes?

—Com effeito, a esposa do banqueiro desappareceu de casa do marido desde terça feira á noite. A casa e os escriptorios do sr. Hawes são sitos na rua de Oxford. Cotton, que deve ser homem muito habil e que não precisa de viver do seu trabalho, tambem não appareceu no escriptorio.

«Como é natural telegraphou-se para todas as partes e é de esperar que o apaixonado par em breve nos caia nas mãos.

—Não sabe para onde se terão dirigido?

—Infelizmente não, sr. Holmes. O infame soube preparar a viagem com o maior segredo.

Fez um gesto de despeito e continuou:

—Ia continuar as minhas investigações quando o sr. Holmes chegou.

Sherlock Holmes replicou com vivacidade:

—Oh! Então não perca um tempo precioso por minha causa. Não queremos, de forma alguma, demoral-o. A prisão do par de apaixonados será a corôa do seu trabalho. De novo o felicito, sr. Holk. Fez mais do que era possivel em tão pequeno espaço de tempo.

O policia todo orgulhoso:

—Não é verdade que posso estar contente? Vejo que o sr. Holmes tambem não duvida de que sigo a pista do verdadeiro criminoso, apesar de ainda o não ter conseguido prender.

—Mas tem esperança de o conseguir? perguntou o celebre criminalista. Veremos em breve se se enganou ou não.

Holk, rindo, exclamou:

—Não o julgava tão invejoso, sr. Holmes! Mas já esperava que me fizesse essa objecção. Não me importa, porém, que duvide do meu exito. Será assim maior a satisfação que sentirei ao ser vencedor.

E dizendo isto, enterrou o chapeu na cabeça e poucos instantes depois havia desapparecido entre as frondosas arvores do parque.

—Que homem tão vaidoso! exclamou o grande criminalista. Era realmente interessante observar-lhe o jogo physionomico, apesar de não se poder negar que trabalhou.

«Parece-me, porém, que elle se engana. Não posso crêr que um homem como Cotton se tenha desfeito da amante de um modo tão brutal.

«Um crime d'esta natureza pratica-se contra uma mulher a quem se tem um odio de morte, ou porque a sua infidelidade tenha dado causa a tal odio, ou porque seja perigosa.

«Mas nada d'isto se póde suppôr com relação a *miss* Adelia d'Ermont.

E tomando uma resolução subita.

—Vamos nós tambem agora a Chisnick. Tenho vontade de interrogar *miss* Barnwell acêrca de *miss* Adelia e de Cotton.

«E' possivel que averiguemos alguns pormenores interessantes que possam fazer mudar radicalmente a face d'estes factos.

«Vamos, Harry. Poucos minutos bastam para chegarmos á estação de Charing-Cross, e d'ahi a Chisnick a distancia não é grande.

CAPITULO III

Descobertas importantes

Das muitas *villas* espalhadas pelo pittoresco bairro londrino, a pertencente ao Duque de Devonshire era, sem contestação, a mais formosa. Era uma verdadeira maravilha.

A segunda quanto a lindeza era a que Cotton dera de presente á sua antiga amante *miss* Adelia.

Não demorou muito que Sherlock Holmes e Harry Taxon a encontrassem em Chisnick.

O criminalista entendeu ser mais conveniente entrar sósinho, por isso disse a Harry, mandando-o esperar:

—Talvez a tua presença perturbe a governante. Como sabemos, as mulheres ficam sempre impressionadas quado vêem o teu bello rosto.

Com grande pezar seu, Harry teve de conformar-se com a resolução do mestre, o qual se approximou da grade do jardim, premindo o botão electrico.

D'ahi a pouco vinha abrir um creado.

Miss Barnwell estava em casa.

Atravessaram o magnifico parque que circumdava a *villa* e alguns momentos depois Sherlock Holmes estava na luxuosa sala de visitas. *Miss* Barnwell era uma senhora respeitavel e já de certa edade.

A boa senhora mostrou-se extremamente contrariada por receber em tão curto espaço de tempo a visita de um segundo policia.

Perguntou em tom ancioso:

—Que o traz aqui, senhor? Puderam averiguar pelas indicações que dei ao seu collega, que a minha ama foi assassinada pelo seu amante?

—Não, minha senhora, apesar de se não poder negar que ha certos pormenores muito compromettedôres para o sr. Cotton.

«Pela minha parte, não posso crêr que o sr. Cotton, que, segundo a senhora mesmo diz, é homem attencioso e de boa educação, pudesse commetter semelhante atrocidade, tanto mais tratando-se de uma jo-

ven com quem passou alguns annos na melhor harmonia.

—E' essa tambem a minha opinião, respondeu ella, um pouco mais tranquilla. Nunca suspeitei que o sr. Cotton fôsse capaz de commetter a acção que, ao que parece, praticou.

«Ha apenas um anno que estou n'esta casa, mas tive occasião de sobra de apreciar o sr. Cotton como homem amavel e muito carinhoso. E' verdade que a sua infidelidade não o colloca em muito boa posição, mas estou convencida de que é incapaz de fazer mal a uma mulher indefesa, quanto mais assassinal-a de modo tão brutal.

—Compartilho a sua opinião, minha senhora, replicou o criminalista mas, em tal caso, não pode suppôr-se senão que talvez um amante anterior, um inimigo de *miss* Adelia tenha commettido o espantoso crime. Para fazer algumas investigações n'esse sentido, seria conveniente conhecer alguns pormenores a respeito do passado de *miss* Ermont, assim como das suas relações.

«Póde dar-me algumas indicações a tal respeito?

—Muito poucas, pois apesar de *miss* Adelia me tratar com bastante intimidade, rarissimas vezes me falou no seu passado, nem da sua familia ou amigos, assim como tambem não sei d'onde ella era.

«Sempre foi muito reservada e creio conhecer os motivos em que se fundava para isso.

—Quaes são esses motivos?

—Parece que não gostava de fallar da sua vida por consideração para com a sua familia, que não approvava as suas illicitas relações amorosas.

«*Miss* Adelia devia pertencer a uma familia distincta.

«Tinha esmerada educação e modos distinctos. Tenho a certeza de que seus paes pertencem á melhor sociedade.

Depois de reflectir alguns momentos, Sherlock Holmes disse:

—Convirá averiguar isso. Poderei passar uma busca na secretária de *miss* Adelia? Sem duvida encontrariamos ahi correspondencia, talvez alguma photographia...

Miss Barnwell estava indecisa.

Ao que parecia, custava-lhe a acceder aos desejos do criminalista, por lhe parecer uma profanação á memoria da fallecida.

Sherlock Holmes disse-lhe que talvez com uma busca se encontrassem as provas da innocencia de Cotton e a pista do verdadeiro criminoso. Finalmente, de tal astucia se serviu que *miss* Barnwel acabou por acceder a que se abrisse a secretária de *miss* Adelia.

Nos compartimentos visiveis apenas se encontraram algumas joias e objectos de phantasia ou capricho, de pouco valor.

Finalmente, depois de procurar durante algum tempo, o criminalista descobriu uma gaveta secreta cheia de maços de cartas e outros documentos.

Estavam collocados por ordem e cada maço atado com uma fita de seda.

Um dos maços, o mais volumoso, continha cartas dirigidas a uma certa *miss* Mabel Douglas.

Sherlock Holmes desatou o maço, começando a lêr algumas das cartas. A' medida que avançava na leitura, augmentava o seu assombro.

Todas aquellas cartas eram dirigidas a *miss* Mabel, de Bristol, e eram escriptas por uma mãe amante de sua filha, que assignava com o nome de Mary Douglas.

Não havia duvida possivel: Mabel Douglas e Adelia d'Ermont eram uma unica e a mesma pessoa.

Uma das cartas dizia:

«Querida Mabel

Bem sabes que no mundo ninguem deseja mais a tua felicidade do que eu, que ninguem com mais anhelo do que eu deseja vêr-te feliz na companhia de um homem honrado, trabalhador e em boa posição. Mas não posso tolerar nem consentirei nunca em que chegues a ser a amante d'esse Cotton e que commettas a loucura de o seguires para Londres, sem que se unam á face da egreja.

«Se Cotton te ama verdadeiramente, não pode hesitar um momento em unir-se a ti para sempre, não póde rebaixar-te á condição de seres sua amante.

«Por tudo te supplico, minha filha, que continues no teu logar de professora em casa de lord Balmoral, de Bristol, pois a tua situação é boa, és respeitada e estimam-te.

«N'uma das tuas ultimas cartas dizes-me que o lord e sua familia pensam em fazer uma viagem ao estrangeiro. Está bem. Essa viagem far-te-ha esquecer o homem cujo amôr não póde ser sincero...»

N'outra carta lia-se:»

«Dizes-me que não pódes separar-te de Cotton, que não pódes viver sem elle. Accrescentas que te fez a promessa formal de te levar ao altar d'aqui a poucos annos, visto que negocios de familia não lhe permittem casar mais cedo. Olha, minha filha, espera que esses obstaculos desappareçam.

«Vê-te no espelho de tua irmã Ellen. Tambem ella julgava que morria ao abandonar o seu primeiro pretendente, pelo qual não estava menos louca do que tu o estás. Mas, devido aos meus conselhos, ponderou as coisas com mais socego e casou, felizmente, com outro. Mais tarde pude saber, minha querida Mabel, que o seu antigo pretendente era um aventureiro, um homem de fama duvidosa e não menos duvidoso passado. Agora, ella é feliz e não deve arrepender-se de ter seguido os meus conselhos...»

Quasi todas as cartas versavam o mesmo assumpto e d'ellas se podia deduzir que Mabel era filha de um architecto, o qual, ao morrer alguns annos antes, deixara a esposa e filhas n'uma situação economica bastante precaria, pelo que as filhas tinham sido obrigadas a ir ganhar a vida.

Mabel, a mais nova, pudera collocar-se como professora em casa de lord Balmoral, emquanto Ellen, a mais velha, estudara contabilidade e soubera captar as sympathias do seu chefe, um rico commerciante de Londres, com quem mais tarde casára.

A ultima carta era datada de mais de dois annos antes e parecia ser resposta a outra, de Mabel, de Bristol, em que a joven devia ter dito a sua mãe que se sentia sem forças para resistir á inclinação do seu coração e que se dispunha a seguir Cotton a Londres, d'ahi a alguns dias.

A mãe, considerando a filha indigna de si, abandonava-a formalmente, prohibindo-lhe que voltasse á casa materna, visto que indignamente manchova o nome de seu pae.

Essa carta devia ter causado funda impressão em Mabel, a avaliar pelo signal de lagrimas que se conhecia terem sobre ella caido.

Sherlock Holmes conhecia já o segredo do nome de Adelia e o motivo por que adoptára um appellido francez.

O grande criminalista collocou de novo as cartas como ellas estavam e dispunha-se já a fechar a gaveta secreta, quando viu outra carta no fundo, que lhe passava despercebida.

Leu-a rapidamente.

Era escripta por mão masculina e a lettra demonstrava que quem a escrevera estava em extremo nervoso.

Aquella carta interessava extraordinariamente o criminalista, porque suppunha que chegára recentemente ás mãos da joven. Era dirigida a *miss* Adelia d'Ermont.

Mostrou o sobrescripto a *miss* Barnwell, que durante a busca permanecera sentada n'uma poltrona, logar d'onde observava com o maior interesse todos os movimentos do criminalista.

—Lembra-se da data em que *miss* Adelia recebeu esta carta?

A governante respondeu:

—Lembro-me perfeitamente. Eu propria lh'a entreguei no sabbado passado, ou sejam tres dias antes da sua morte. Lembro-me com exactidão, por causa da lettra extranha, que me despertou a attenção. Além d'isso, sempre me lembrarei d'essa carta por causa da impressão que o seu contheudo produziu em *miss* Adelia, a qual se mostrou muito assustada e nervosa.

—Isso demonstra que ella devia conhecer o auctor da carta, apezar de não vir assignada. O convite que lhe fazia para estar no restaurante A Flôr de Liz, que fica proximo d'aqui e é muito pouco concorrido, pelo que se vê, causou-lhe inquietação.

—Não sei o que a carta diz,—replicou *miss* Barnwell,—mas posso dizer que, depois de a ler, *miss* Adelia ficou muito pensativa. Parecia estar indecisa. Foi no sabbado á tarde.

—Não lhe disse onde ia?

—Nem palavra a tal respeito. Só me disse que voltaria d'ahi a pouco.

—E não viu n'esse dia, por aqui proximo, ninguem cuja presença lhe causasse suspeitas?

—Absolutamente ninguem. Teria com certeza reparado em qualquer desconhecido que aqui houvesse entrado.

—Bem. Guardo esta carta,—disse Sherlock Holmes—Parece me ter certa importancia para o esclarecimento do crime.

«Não quero continuara a incommodal-a com a minha presença, *miss* Barnwell. Apenas lhe vou dirigir algumas perguntas, ás quaes lhe peço que responda.

«Sabe se *miss* Adelia levava anneis nos dedos quando d'aqui saiu na terça feira? Pódes descrever-me essas joias?

—Sim, senhor, posso responder-lhe com a maior exactidão. *Miss* Adelia não levava aneis, porque não os usava.

Sherlock Holmes ouvia a resposta com o maior interesse.

Perguntou:

—Não se enganará?

—E' impossivel enganar-me,—respondeu *miss* Barnwell em tom firme.—Posso jural o em qualquer tribunal.

—Está bem, *miss* Barnwell.—E' possivel que tenha de prestar esse juramento. Agora, uma outra pergunta:

«*Miss* Adelia nunca lhe fallou de sua irmã mais velha, que deve residir em Londres?

—Nunca. *Miss* Adelia não fallava dos seus parentes, nem recebia visitas. Vivia só para si e para o seu amante.

«Até ha dois mezes, o sr. Cotton vinha vêl-a todas as noites e muitas vezes até de tarde. Passava os domingos junto de *miss* Adelia e esta não sentia necessidade de ter outras relações. Quando estava sósinha, entretinha-se a ler obras escolhidas, tocava piano ou bordava.

—E nunca succedeu o sr: Cotton leval-a a Londres ao theatro, concertos ou outras quaesquer diversões?

—Quasi nunca, e as poucas vezes que isso se deu, iam sósinhos.

—Muito obrigado pelas suas explicações, *miss*

Barnwell,—disse Sherlock Holmes, ao mesmo tempo que fechava a secretária.

No momento em que ia sair do aposento, estremeceu ligeiramente.

Pareceu lhe ter visto do lado de fóra das janellas da sala, que ficava no rez-do-chão, as sinistras feições do dr. Munrove como uma sombra fugaz.

Perguntou á governante em tom rapido:

—Não viu ninguem n'aquella janella?

Ella accenou com a cabeça, surprehendida.

—Não. Nenhum dos creados se atrevia a espreitar do lado de fóra pelas janellas.

—O individuo que me pareceu ter visto não era nenhum creado,—replicou o celebre criminalista:—Mas é possivel que me tenha enganado. E' tempo de me retirar. Repito os meus agradecimentos e até mais vêr.

Sherlock Holmes pegou no chapéu e sahiu da sala.

Ao chegar ao jardim, olhou em todas as direcções a fim de vêr se descobria o rosto pallido do dr. Munrove, mas coisa alguma veiu confirmar as suas suspeitas.

Encaminhou-se então apressadamente para o restaurante A Flôr de Liz.

Ia ali ter com o seu discipulo, para combinar com elle o que se devia fazer.

CAPITULO IV

Novas suspeitas

O grande criminalista acabava de entrar no restaurante, reunindo-se a Harry, que estava sentado n'uma cadeira proximo d'uma janella bebendo uma garrafa de cerveja.

O dono do restaurante fazia-lhe companhia.

De subito, Harry deu um salto na cadeira, visivelmente commovido, de modo que tanto o dono do restaurante como Sherlock Holmes ficaram sobresaltados.

—Que aconteceu, Harry? perguntou o criminalista, sorrindo.

Por unica resposta, Harry apontou para a janella.

Quasi não podia falar. Finalmente poude murmurar:

—Passou ali o doutor, n'este momento. Sim, sim, era elle. Apostaria a minha cabeça em como me não enganei.

—Refere-se a um sujeito alto e magro que vive na *villa* Cotton? perguntou o dono do restaurante com curiosidade. Effectivamente é um individuo muito singular. Esteve hoje de manhã aqui.

Sherlock Holmes abrira a janellá, olhando para fóra, a fim de vêr pelo menos a extranha personagem, visto que era já tarde para se lançar em sua perseguição.

Não podia ser outro senão o dr. Munrove, pois já se não via ninguem.

Com passos extremamente apressados devia ter passado por deante do restaurante e seguido pela viella proxima.

O criminalista fechou a janella, um tanto ou quanto despeitado.

Sentando-se á mesa e pedindo outra garrafa de cerveja, disse:

—Já o não podemos alcançar.

Quando o dono do restaurante voltou, trazendo o que lhe fôra pedido, disse-lhe amavelmente:

—Não quer fazer-nos companhia um pedaço, para nos ajudar a beber a garrafa? Não dispômos de muito tempo, d'aqui a pouco vamo-nos embora.

Escusado é dizer que o dono do restaurante acceitou o convite, sentando-se junto dos dois policias amadores.

Depois de beberem um trago, Sherlock Holmes perguntou:

—Conhece então esse homem tão magro como mysterioso que acaba de passar por aqui?

—Conheço-o apenas de vista. Hospedou se algumas vezes aqui. Tambem frequentes vezes o tenho encontrado na taberna de meu irmão em Londres. Não sei quem é nem como se chama, mas parece-me que deve ter algum parentesco com a joven que, em companhia de *miss* Barnwell e d'algumas creadas, mora na *villa* chamada Cotton.

—Parece-lhe isso? perguntou Sherlock Colmes. Mas queira, peço-lhe, dizer-me o motivo por que lhe occorreu semelhante idéa. Tudo quanto possa dizer-me a respeito de *miss* Adelia d'Ermont ser-me-ha de grande utilidade, pois deve saber, sr. Breidelford, que se suspeita que a senhora cujo cadaver foi encontrado na rua do Duque era *miss* d'Ermont.

Breidelford, homem fleugmatico e já entrado em annos, deu um salto.

—O que!... *Miss* d'Ermont assassinada, diz o senhor?...

Sherlock Holmes respondeu com o maior socego:

—Assim parece. Supponho que deve conhecer o encontro do cadaver, narrado pelos jornaes. Chamo-me Sherlock Holmes, este rapaz que me acompanha é tambem policia amador e viemos aqui para sabermos pormenores a respeito da vida da *miss* d'Ermont.

«O homem alto e magro parece-nos interessante e implicado no caso.

«Quando é que elle esteve aqui?

Breidelford, que ainda não recuperára o seu habitual socego, respondeu:

—A primeira vez foi no sabbado. Veiu quasi á mesma hora a que os senhores hoje aqui chegaram, e esteve sentado a esta mesma meza. D'aqui vê-se a villa Cotton e póde observar-se quem entra e sae.

«Pediu alguns copos de rhum e travou conversação commigo, perguntando me quem era *miss* d'Ermont e quem era o dono da *villa* Cotton. Perguntou-me, além d'isso, se ambos viviam em boa harmonia e se Cotton visitava aquella senhora frequentes vezes.

«Não pude responder lhe como elle desejava, pois nunca me preoccupei com *miss* d'Ermont nem com o sr. Cotton, os quaes, pela sua parte, não chamavam a attenção de ninguem. Preferiam viver isolados.

«O homem comeu tambem aqui, onde ficou até ás duas horas e meia da tarde. Creio que não perdeu a *villa* de vista um momento sequer.

«De subito levantou-se e correu para a porta, pela qual entrou *miss* Adelia d'Ermont. Imagine o meu espanto ao vel a.

«Comprimentou-a delicadamente, parecendo que ella tremia em frente d'aquelle homem, e em seguida entraram para aquelle quarto cuja porta está agora aberta. Escusado é dizer que elle a fechou com o maior cuidado.

—Evidentemente queria ter uma entrevista secreta com ella, disse Sherlock Holmes. Não poude surprehender palavra alguma da conversação?

O dono do restaurante ficou um tanto ou quanto perturbado. Em seguida respondeu:

—Geralmente, não costumo ser indiscreto, mas n'aquelle caso vi-me obrigado a sel o, devido á apparencia suspeita do desconhecido e a estar inquieto sobre a segurança pessoal da amavel e encantadora joven.

«Metti-me por isso, no aposento contiguo e procurei escutar junto d'uma porta, que, apezar de dissimulada por um armario, communica com o quarto onde elles estavam.

«Não falaram muito, mas fizeram-no com bastante calor. Ouvi soluçar *miss* Adelia, mas não comprehendi as palavras que pude surprehender. Elle disse:

«—Sei-o positivamente... quer ir com ella terça feira... não tornará a vêl-o... Deve ir falar com ella... ella terá que me escutar... Se me não auxilia, isto acabará mal... Quero e hei de obrigal-a... ninguem mais do que eu tem direitos... tenho a sua palavra...

«Do que ella respondeu só pude ouvir as seguintes phrases soltas:

«—Não o creio... nada posso fazer por si... não quero... denuncial-o hei se continuar a incommodar-me... Acabemos com esta entrevista...

«Sairam em seguida do meu estabelecimento e despediram-se á porta. Elle fez uma reverencia, mas ella, voltando a cara, seguiu para a *villa*.

Emquanto Breidelford falava, Sherlock Holmes tomára nota, no seu livro de apontamentos, de todas as palavras que o dono do restaurante surprehendera da conversação.

Terminada a narrativa, o criminalista guardou o pequeno livro. Em seguida disse:

—Muito bem, meu amigo. Apezar das suas informações terem pouca importancia, nem por isso deixam de ser interessantes para mim. E agora diga-me: quando foi que o desconhecido voltou pela segunda vez?

—Hoje de manhã, muito cedo. Deviam ser oito e meia, ainda o estabelecimento não tinha aberto. Primeiro, chegou, todo offegante, um homemzinho, que se encaminhou directamente para a *villa*, entrando no jardim depois de tocar a campainha por differentes vezes. Poucos minutos depois apparecia o homem magro, o do rosto extranho; sahiu de detraz de uns arbustos, onde devia estar esperando havia já um boccado.

«Quando deitei a cabeça de fóra da janella para vêr como estava o tempo, disse me elle:

«—Bons dias. Está um tanto frio. Póde-se já tomar um calice de rhum?

«Respondi, mandando entrar o homem que já uma primeira vez me parecera tão suspeito:

«—Póde, sim, senhor.

«Quando lhe servi o rhum, já elle aqui estava sentado, em frente da janella, olhando para a *villa*. Esperou até vêr sair o tal homemzinho, que seguiu a correr em direcção á estação.

«Quando elle passou por deante do estabelecimento, o freguez occultou-se atraz da cortina, o que me despertou a attenção.

—Está bem, exclamou Sherlock Holmes. Ao que parece, esse homem veiu seguindo o outro desde Londres, para o vigiar e averiguar o que elle vinha fazer a Chisnick.

—Sim, deve ser isso, replicou Breidelford. Desde que o outro se afastou, o meu freguez saiu d'aqui, approximando-se da *villa* pelo lado de traz. Ficou ahi occulto até o senhor de lá sahir.

—Ah! Muito bem Vi-lhe o rosto durante um momento por uma das janellas, volveu Sherlock Holmes. Mas, falando da physionomia d'esse homem, parece que lhe despertou a attenção. Que tem ella então de particular?

—E' que parece artificial, pelo menos parte d'ella, a parte inferior, que é coberta pela barba e pelo bigode. Se olhamos para elle, quando se sorri, não podemos deixar de estremecer. Os dentes produzem um ruido anormal, como se fôsse posto em movimento qualquer mechanismo.

«Quando observei isso, expliquei a mim mesmo o motivo por que meu irmão lhe chama sempre o ho-

mem da mandibula de ferro. Eu tinha-o visto na taberna de meu irmão, mas sempre de longe.

Sherlock Holmes perguntou com vivo interesse:

—Onde é a taberna de seu irmão?

—Em Wapping.

—Como se denomina?

—E' um estabelecimento muito modesto. Denomina-se «A Torre», por ficar proxima da Torre de Londres.

Sherlock Holmes sorriu se ligeiramente, dizendo:

—Conheço-a e seu irmão não me é desconhecido. Quando li o seu appellido na chapa que aqui tem, lembrei-me de que conhecia um homem assim chamado. Diz então que o homem da mandibula de ferro vae algumas vezes a essa taberna?

—Segundo me disse meu irmão, ha poucos dias esteve ali. Pareceu a meu irmão que a mysteriosa personagem esperava alguem que, ao que parece, não foi á entrevista. Creio, meus senhores, que na taberna «A Torre» lhes será mais facil saberem mais alguma coisa a respeito da mandibula de ferro.

Sherlock Holmes respondeu:

—Vamos agora mesmo fazel-o, mas se, no emtanto, aqui voltasse esse homem, peço-lhe que immediatamente telephone para minha casa em Bakerstreet e que procure demoral-o aqui até que um de nós venha. Além d'isso, recommendo-lhe, particular e officialmente, o mais absoluto segredo sobre a nossa visita aqui, assim como a respeito de tudo quanto dissemos e sobre a nossa visita á «Torre».

—Esteja descansado, replicou Breidelford. Meu irmão já por diversas vezes prestou serviço ás auctoridades. Eu farei o mesmo.

—Exactamente. Imite o procedimento de seu irmão. A auctoridade recompensal-o-ha se de vez em quando a auxiliar. Conte com a sua palavra.

«Por agora, nada mais tenho a dizer-lhe. Em breve nos tornaremos a vêr.

Sherlock Holmes e Harry Taxon levantaram-se, apertaram a mão do dono da «Flôr de Liz» e dirigiram-se para a estação do caminho de ferro de Chisnick.

Poucos minutos depois saia o metropolitano, que os deixou muito proximo de casa.

Depois de se disfarçarem convenientemente, tornaram a metter-se no comboio para se apearem em Wapping, pouco longe da taberna onde se reuniam os criminosos de profissão.

O taberneiro, que era agente de policia secreta, prestava ás auctoridades serviços inapreciaveis.

CAPITULO V

Na tasca «A Torre»

Pouco passava do meio dia quando os dois policias amadores entraram na taberna de Breidelford, Sherlock Holmes levava cabelleira e barba ruiva e desgrenhadas, um fato coçado e cheio de nodoas e uns sapatos em tão mau estado que deixavam a descoberto os dedos dos pés.

Parecia um malandro dos mais andrajosos, assim como Harry Taxon, cujo disfarce era muito parecido com o do seu mestre.

Apezar de pouco passar do meio dia, aquelle centro de reunião dos criminosos estava a trasbordar.

Ouviam-se, e de longe, os pouco harmoniosos sons de um realejo.

Com os seus bonnés de marinheiros e um panno encarnado em roda do pescoço, os maritimos do Tamisa e os operarios dançavam ali desordenadamente.

O *cake walk* era a dança preferida.

Faziam um barulho infernal emquanto os espectadores se entretinham a marcar compasso, batendo com os pés no chão.

«Nada ha para desentorpecer os membros como uma dança de roda e na companhia de rapazes de feição.

«Portanto, não me farei ragado, e serei mais um para a roda.

—Olá, rapazes, exclamou Sherlock Holmes, fingindo-se um tanto embriagado, é assim que me agrada.

E agarrando-se a um dos que dançavam tomou immediatamente parte no desvairado concerto.

Os homens, como que possuidos da monomania do movimento continuo, davam saltos desordenados formando circulo de mãos dadas, cantavam discordantemente algumas canções immoraes, acompanhando as com os esgares mais horrendos, e soltando gritos que mais pareciam de feras a quem o domador castigasse.

Sherlock Holmes não era dos menos enthusiasmados no macabro divertimento; e egualava, se não excedia, os seus novos companheiros, na obscenidade das cantigas, e no exaggero dos saltos e pernadas.

Harry Taxon foi sentar-se a um canto, onde mal chegava a luz, em frente d'uma pequena meza desoccupada, e divertia-se comtemplando os saltos e grottescos movimentos do criminalista.

Acabada a dança, entraram todos para um comvartimento contiguo, sujo e mal arranjado, onde estapa disposto um *bar*, no fundo do qual se destacava a physionomia radiante do taberneiro, disposto a satisfazer os desejos dos seus freguezes.

Era um trabalho deveras penoso, em que apenas

o ajudava um rapaz de poucos annos, que levava e trazia os copos. Todos queriam ser servidos primeiro que o vizinho.

Sherlock Holmes entrou tambem na taberna juntamente com o seu companheiro de baile; cujo nome soube em seguida por elle proprio, pedindo para ambos copos de aguardente.

Os nossos amigos pegaram nos copos e foram sentar-se á mesa em que estava Harry.

Approximando uma terceira cadeira da meza, disse ao seu companheiro, de apparencia pouco tranquillisadora:

—Vamos, Billy, senta-te e bebe. Com tanto pular, a bôcca secca-se. Mas, dize-me: o que foi que aconteceu para estarem tão alegres?

—Nada, Jimy. Estamos alegres á força de estarmos aborrecidos. Havemos de fazer dançar esses cães dos policias, d'um modo ou d'outro.

Sherlock Holmes, pondo o copo, que acabava de esvasiar de um trago, em cima da meza, perguntou:

—Que se importam elles com esta festa? Vocês ainda aqui estão muito socegados, mas se estivessem em Whitechapel então saberiam o que era andar n'uma dança constante. Ali sopram outros ventos. Quer de dia, quer de noite, não nos largam, e se encontram alguem sem documentos que provem a sua identidade, está arranjado. Aqui, em Wapping, a vida é como se estivessemos no paraizo.

—Bello paraizo! O negocio não póde correr peor, murmurou Billy, puxando pelo bigode arruivado.

E em tom de colera concentrada:

—Mal tivemos tempo de nos repôrmos das commoções causadas por Jack o estripador, que acabou por cair victima d'esse infame traidor, d'esse miseravel espião Sherlock Holmes, já se apresenta o vampiro como chamamos a esse farçante que matou uma rapariga na rua do Duque.

«Por esse motivo, toda a policia está de novo alvoroçada. Desde hontem á noite, em que a rapariga foi encontrada morta, os policias parecem querer comer-nos a todos, para almoçarem. Mas, a mim não me apanham elles.

—Não digas asneiras, interrompeu Harry, que, com a cabeça encostada ás mãos, escutára o que se dissera. Sempre foi a mesma coisa, sempre a policia nos perseguiu como quem persegue coelhos. Mas que importa isso para um valente? A mim, não me agarrarão.

Billy, olhando para Harry, rangendo os dentes com ar ameaçador:

—Que sabes da vida, mostrengo? Não te mettas na conversa dos homens.

E em tom ainda mais ameaçador:

—Não vês que ha apenas uma hora que saiste da casca? Aviso-te de que, se não deixas a lingua quieta, te dou uma tremenda sova.

Sherlock Holmes, a fim de apaziguar o patife, interveiu:

—Não sejas assim, Billy. Convem não fazer escandalo. Este rapaz serve-me para muito, já fiz coisas superiores com a sua ajuda. Crê que não te rebaixas travando amizade com elle.

«Quando se trata de arrombar uma porta, sem que nem os ratos accordem, ou de manejar um punhal, está sempre prompto e sabe bem da sua obrigação.

—N'esse caso, somos amigos, porque precisamos d'um homem assim. Onde é que aprendeste? perguntou Billy a Harry, tocando com o seu copo no d'este.

—Fui picador.

—Então deves saber servir-te d'uma navalha. E tu, Jimy, que officio tinhas antes de entrares para a nossa aristocracia?

—Fui tudo: serralheiro, cortador e em seguida carpinteiro. Mas agora aprendi outro officio, que me serve maravilhosamente durante as minhas excursões nocturnas. Sabes qual é?

—E' claro que sim. Deves ser bufarinheiro!

E o patife desatou a rir, accrescentando em seguida:

—E' um officio que vale a pena. Formamos então uma trindade, como deve ser e creio que vamos fazer um negocio esplendido.

—Se ao menos houvesse alguma coisa em que a gente se occupar! disse Sherlock Holmes, dando um suspiro. Nós ambos, Ton e eu, vivemos ha já semanas do ar do céo.

—Porquê? Que necessidade teem vocês d'isso? Venham commigo a arrombar cofres fortes.

—Com mil diabos, ahi está uma proposta que me agrada! exclamou o criminalista. Levam-se os utensilios necessarios; mas já sabes onde se póde trabalhar?

Billy replicou:

—Ainda não, mas vou occupar-me d'isso e talvez logo á noite possamos já arranjar alguma coisa. Conhecem o homem da fachada de ferro?

Apezar de tanto Harry como o celebre criminalista terem comprehendido perfeitamente de quem se tratava, este perguntou, fingindo a maior surpreza:

—O que é isso? Que fachada é essa? Nunca ouvi fallar em tal coisa, a não ser das mascaras de ferro dos nossos avós, de que nos fallam nas historias que nos contam...

—Pois a do nosso homem é coisa parecida, visto que a parte inferior da cara é metallica, respondeu Billy.

—Como é isso possivel? Onde conheceste esse monstro?

O criminoso tomou uma certa emphase ao responder:

—E' meu amigo. Trabalhei com elle durante longos annos, e é mais fino e astuto que todos os policias juntos. E' dos que entendem bem do seu officio, que exerce em larga escala, com os maiores proventos, deixando, porém, tambem que os outros trabalhem por sua conta. Tem o dinheiro que quer e quando as coisas lhe correm á medida dos desejos pouco lhe importa uma bolsa de oiro.

—Propôz te algum negocio? perguntou Sherlock Holmes.

—Sim. Ha uma hora esteve aqui, sentado a esta mesma mesa, e fallámos. Ha um negocio que vale a pena, Jimy, e, fallando com franqueza, dir-te-hei que me não inspira muita confiança o da cara de ferro. Ha tempo enganou me.

—Oh! oh! exclamou o criminalista.

—E' como te digo. Agora, elle quer dar o golpe importante, dando-me um papel secundario, e prometteu-me muito ouro, o que me faz suppôr que, depois de se achar servido, me deixará a vêr navios.

—E' então passaro bisnau?

—Olá, se é! E é por isso que me convem o teu auxilio. Terás de te esconder onde fôr possivel e tratarás de o vigiar, para que elle se não escape com a preza.

—Está bem. Acceito. Conta commigo, Billy, e tem a certeza de que, d'esta vez elle não te enganará.

«Como já te disse, eu e este meu companheiro não podemos apparecer por emquanto no nosso campo de acção em Whitechapel. Somos perseguidos por causa de um negociosinho sem importancia, e que nos podia dar bem bons lucros, segundo presumia.

—Esfriaste algum nobre para lhe aliviares os bolsos?

—Não, mas coisa parecida.

E chamando o creado do locandeiro:

—Rapaz, traz mais cerveja; tenho a bocca secca.

O rapaz assim fez, e Jimy encheu novamente os copos, sendo elle o primeiro a beber.

Bily seguiu-lhe o exemplo e perguntou:

—E então o resto da tua historia? Estou com vontade de ouvil-a para saber como te sahiste da rascada, se és homem de acção como me convem.

—Pois então lá vae. Imagina tu que havia dois dias por mais que mettesse as mãos nas algibeiras, que nada mais encontrava que cotão; era um folle vasio.

«Ora, quando o corpo se sustenta de si mesmo, a cabeça não regula, e as coisas mais brancos e puras tomam aos meus olhos a côr do sangue.

E ao dizer isto a cara de Sherlock Holmes exprimia um furor tão bem fingido, que o seu novo amigo exprimiu o seu contentamento por estas palavras:

—Bello, rapaz, assim é que me conv3m; és cá dos meus.

Sherlock Holmes proseguiu:

—Pois, como ia dizendo, estava positivamente á dependura, e pensava na minha triste vida ao sahir de uma taberna, quando vi na minha frente uma gaja toda liró pelo braço de um sujeito muito bem vestido.

A' luz d'um candieiro, por baixo do qual passavam n'essa occasião, distingui que elle trazia brilhantes na corrente do relogio, e ella nas orelhas.

Ora, quem assim anda ataviado de noite, em ruas pouco frequentadas arrisca-se...

—A que lhe peçam a bolsa ou a vida, isso é dos livros.

—Mas eu não fui tão incivil. Approximei-me dos dois pombinhos, e com toda a delicadesa convidei a dama a dar-me os brincos e o cavalheiro a corrente.

«Recalcitraram. Ella apanhou um murro e caiu, elle, que se preparava para metter-me uma bala na cabeça, recebeu uma punhalada. Aliviei os dois das joias e da carteira, que estava gorda, e preparava-me para seguir tranquillamente o meu caminho, quando a policia, que sempre apparece onde não é chamada me catrafilou..

«Mas não se prende impunemente Jimy.

«Emquanto o diabo esfrega um olho, dei um pontapé n'um policia e um murro n'outro, e em duas pernadas safei-me milagrosamente.

«Mas na lucta saltam-me do bolso da jaqueta a carteira e as joias que tinha guardado á pressa, e o roubado fui eu.

«Aqui tens a minha ultima aventura, e a rasão porque me encontro entre vocês, onde vim despistar os de Scotland Yard.

Durante esta narração os olhos de Bily faiscavam de contentamento, e estendendo as mãos a Sherlock Holmes, disse lhe:

—Toca, és dos nossos, e és o homem que me convem.

Sherlock Holmes correspondeu, e em seguida:

—Mas quando tratamos do negocio?

—Parece-me que não será antes de oito dias, pois, até lá, não se apresentará occasião favoravel. Eu te avisarei a tempo. Mas é certo que me ajudarás?

—Não duvides, homem A unica coisa que desejo é ter dinheiro na unha. Ha tempo já que preciso d'um fato. Se nos sairmos bem, propor-te-hei outro negocio em que tambem entrará este rapaz. Ouves, Tom? Por agora, porém, temos que esperar, porque a policia traz-me muito vigiado.

E dirigindo-se a Harry:

—Acceitas ou não? Gosto de respostas claras, já o sabes.

—Acceito, respondeu o interpellado. Bem sabes que prefiro trabalhar comtigo, mas aviso-te de que, se me fazes esperar de mais, vou trabalhar por minha conta. Tenho cá as minhas relações e trabalhando só por minha conta tiro mais proveito, além de me não arriscar a que me deitem o negocio a perder.

O criminalista, ou antes Jimy na occasião, dando um empurrão ao discipulo, volveu.

—Bem, não te zangues, rapaz. Não vês, Billy, como elle é invejoso? Quero que me dês uma resposta definitiva.

—Conta com ella.

—Aonde? Encontrar-nos-hemos aqui mesmo?

—Sim. Pódes voltar d'aqui a tres ou quatro dias. Mas, tem cuidado, se encontrares o da fachada de ferro, nem uma palavra, percebes? Se sei que queres trabalhar com elle, aconselho-te a que mandes fazer o caixão para te enterrarem.

E, dando um murro na meza:

—Quando me enganam, vingo-me sempre.

—Não fales tão alto, imbecil, exclamou Sherlock Holmes. O taberneiro está a olhar para nós.

—E' dos nossos, não nos fará mal algum. Mas tenho que fazer e vou me embora. Adeus.

O patife, tão alto como immundo, levantou-se, e de mãos nos bolsos saiu da taberna.

Apenas elle saira, o realejo tornou a tocar.

Sherlock Holmes levantou-se, fazendo um gesto a Harry para que continuasse ali sentado.

O criminalista approximou-se do taberneiro, que estava a limpar garrafas com um trapo, e disse-lhe algumas palavras em voz baixa.

Breidelford tinha o já reconhecido pelos signaes que elle lhe fizera ao entrar na taberna e por alguns olhares de intelligencia que haviam trocado durante a conversação com Billy.

Sem fingir dar importancia ao que lhe fôra dito, o taberneiro disse ao rapaz que o ajudava que d'esse ao freguez outro copo de aguardente.

Emquanto este esvasiou o copo, dirigiu-se para um aposento reservado, ao fundo do estabelecimento, aonde Sherlock Holmes foi ter com elle, sem que ninguem reparasse em tal manobra.

Breidelford, logo que o criminalista entrou fechou a porta.

—Então, sr. Holmes, volta a fazer-me uma visita? Ha já muito tempo que não o via aqui. De que se trata?

Sherlock Holmes approximou se d'uma pequena janella coberta com uma cortina encarnada, da qual se podia observar os que estavam na taberna sem ser visto.

Depois, respondeu em voz baixa:

—Do homem da fachadada de ferro, segundo lhe chama o meu novo amigo Billy. Venho directamente de casa de seu irmão, «Flôr de Liz», em Chisvich. Elle disse-me ter visto ha pouco tempo esse malvado aqui, na sua taberna.

—E' exacto. Foi na quinta feira passada. Lembro-me perfeitamente. Foi esse o primeiro dia em que esse horrendo criminoso visitou esta casa.

—O primeiro dio? E demorou-se muito?

—Não, esteve aqui apenas um pouco. Pareceu-me que estava á espera do patife com quem o sr. Holmes acaba de fallar. Ha uma hora, se tanto, o da fachada de ferro voltou, pela segunda vez. Esteve a fálar alguns minutos com Billy, desapparecendo em seguida.

—Está bem.

—Depressa vae dar fundo n'uma enxovia não é assim?

O grande criminalista respondeu:

—Assim o creio. Encontrei o hontem na rua do Duque, proximo do Hotel da União, cêrca da meia noite. Chamou por soccorro, para chamar a policia, pois tinha encontrado por acaso, ao que affirmou, o cadaver de uma mulher.

—Trata se então do mysterioso crime de que fallam os jornaes? exclamou Breidelford, deveras interessado.

—Sim.

—Dizem que a desgraada foi assassinada de um modo horrivel, que um vampiro lhe deve ter bebido o sangue.

—Exactamente. Foi victima de um monstro... e supponho que esse individuo da cara artificial está compremettido no caso. Reparou bem n'elle?

—E' claro que sim. Tem uma apparencia extremamente singular, que desperta a attenção. Logo que o vi entrar, approximei-me d'elle e sentei me a seu lado apesar de que isso parecia não lhe agradar muito. Fui bastante atrevido para lhe perguntar qual era o mysterio da sua cara e como é que elle tinha aquelle rosto.

—E que disse elle?

—Explicou-me que era a obra prima de um celebre medico francez. Disse-me que, em consequencia d'uma explosão de polvora, perdera o queixo e parte da mandibula do e nariz, e que o medico conseguira substituir essas partes por meio de orgãos artificiaes.

—E deve ser realmente uma obra prima.

—Ao approximar-mo-nos d'elle, nota-se-lhe um rosto horroroso, mas a alguma distancia, tres metros por exemplo e apenas, nada se percebe. Parece serem orgãos naturaes.

—E pode comer e fallar?

—Sem difficuldade alguma.

—Não lhe parece que é estrangeiro?

—Sim, francez ou italiano.

—Pareceu-lhe que era homem illustrado, que tal-

vez possa ser medico ou pertencer á alta sociedade?

Breidelford acenou negativamente a cabeça.

—A impressão que me causou é que deve ser um gatuno de primeira ordem, talvez mesmo um assassino.

—D'aqui a pouco, assim o espero, veremos se tem ou não rasão.

—Pelo que me diz, deve ser elle o tal doutor que os jornaes indicavam com a inicial M. e que descobriu o cadaver, a famosa testemunha que se hospedou no Hotel da União, d'onde saiu de manhã, muito cedo.

Sherlock Holmes replicou:

— E' esse mesmo e supponho que tinha motivos para se safar. Hoje de manhã vi-o em Chisnich, mas, infelizmente, não lhe pude deitar a mão. Ali e no restaurante de seu irmão encontrou-se elle com a mulher que foi assassinada. No sabbado, á tarde, estiveram em animada conversação.

«De resto, não tenho duvida alguma de que nos seguiu a mim e a Harry, até Chisnick, onde morava a victima, para se certificar de que a policia tratava do mysterioso drama.

«N'uma palavra, trata-se de um homem suspeito e, por isso, peço lhe, como pedi a seu irmão, que o retenha aqui, no caso de voltar, o mais tempo possivel, e que me avise immediatamente, para o prender sem despertar a attenção.

—Assim farei, disse Breidelford.

—Tambem não deve perder de vista o tal Billy, com quem acabo de travar amizade.

E o criminalista ao dizer estas palavras sorriu-se, continuando em seguida:

—Deve voltar aqui dentro de poucos dias para me dar uma indicação com respeito a um roubo que tenciona praticar e cujo principal auctor é o homem mysterioso. Trate de fazer demorar, custe o que custar, os dois patifes, se eu aqui não estiver.

«Billy parece-me tão criminoso como o supposto doutor M.

—Procurarei fazer o que puder, replicou o taberneiro, mas receio que nenhum d'elles por aqui appareça.

Parou de subito. Depois:

—Olhe, sr. Holmes, olhe pelo postigo. Não é aquelle alto e magro que acaba de entrar o homem da mandibula de ferro?

Sherlock Holmes lançou um olhar para a sala respondendo:

—Com certeza que é elle!... Parece procurar Billy, pois olha para todos os cantos. Maldito seja! Lá se vae elle embora!

O celebre criminalista e o taberneiro dirigiram-se para uma janella que dava para a rua, vendo passar o supposto doutor e desapparecer em seguida entre a multidão que pejava a rua.

—Escapa-me de novo, exclamou Sherlock Holmes, mas confio em que será a ultima. No fim de contas é melhor que tenha saido, pois não lhe convem a si, nem convem ás auctoridades que fôsse preso aqui, na taberna.

«Convem deixar os criminosos na persuasão de que «A Torre» é um bom refugio. Agora, meu amigo, faça-me o favor de chamar Harry Taxon. Sairemos pela porta trazeira.

—Muito bem, replicou o taberneiro.

E saiu, para ir cumprir a ordem do criminalista.

Poucos momentos depois, os dois despediam-se do bom taberneiro e sahiam por uma porta secreta.

Nenhum dos freguezes da taberna reparara no que se dera.

CAPITULO VI

Declaração inesperada

N'essa mesma noite, vagueava Sherlock Holmes pelas ruas de Canterbury, em procura de um hotel.

Harry tinha ordem para passar todos os dias pela «Torre» durante a sua ausencia, para vêr se ali voltavam Billy ou o homem da mandibula de ferro.

O criminalista, apenas retomára a sua verdadeira physionomia e o seu vestuario habitual, seguira para a estação do caminho de ferro, a fim de se dirigir a Canterbury.

Na manhã seguinte tencionava visitar a viuva Douglas, mãe da fallecida *miss* Mabel ou, antes, de Adelia d'Ermont, para tomar informações acêrca da irmã d'esta e de seu esposo, assim como do seu primeiro pretendente e dos fugitivos.

Esperava encontrar ali a solução do enygma, pois não acreditava na culpabilidade de Cotton, especialmente depois do encontro que tivera com o dr. Munrove.

Encontrando o que lhe convinha, alugou um quarto para essa noite. Antes, porém, de se recolher, procurou a morada da viuva n'um annuario. O dono do hotel assegurou lhe que era uma senhora da melhor sociedade e de trato muito amavel.

Na manhã seguinte, depois de almoçar confortavelmente, dirigiu-se para casa da viuva, que ficava nos arrabaldes de Canterbury.

Em breve a encontrou, causando-lhe a apparencia exterior agradavel impressão.

Dominado por uma certa commoção, entrou, pois sabia que ia vibrar á pobre mãe um golpe mortal, ao dar-lhe a saber que sua filha estava morta.

Depois de atravessar o corredor, bateu a uma porta.

Uma meiga voz feminina immediatamente se ouviu, convidando-o a entrar.

Sherlock Holmes, que sabia dominar-se em todas as situações, não poude deixar de soltar uma exclamação ao abrir-se á porta.

Encontrava-se em frente d'uma joven dos seus vinte e cinco annos, de extraordinaria belleza, loira, que parecia ser exactamente a que fôra assassinada na rua do Duque.

A parecença era tal que o grande criminalista julgava que era a mesma.

Immediatamente, porém, recuperou a presença de espirito.

Curvando-se delicadamente, disse:

—Queira desculpar-me, minha senhora. Preciso falar com a sr.ª Douglas sobre um assumpto importante.

A joven respondeu:

—Sinto muito, mas a sr.ª Douglas foi fazer uma viagem e só voltará d'aqui a alguns dias. O assumpto de que deseja tratar interessa-lhe directamente?

—Directamente a ella, não, mas sim a sua filha.

—Ah! N'esse caso, creio saber quem é. Foi aqui mandado pelo sr. Jonnetan Haves, banqueiro na rua de Oxford, e é policia secreta.

Sherlock Holmes olhou para ella, sem dizer palavra.

A joven continuou:

—Se assim é, como supponho, a sua viagem foi inutil, pois não se encontra aqui a esposa do sr. Hawes. Ellen não está em casa de sua mãe.

Um tanto admirado, Sherlock Holmes replicou:

—Não comprehendo as suas palavras, minha senhora.

A joven olhou para elle e disse:

—Ellen saiu ante-hontem de casa de seu esposo, affirmando categoricamente que não voltaria e que d'aqui em deante viveria em casa de sua mãe.

«Entre os dois esposos deu-se uma scena muito violenta e o sr. Hawes crê naturalmente, que sua esposa está aqui, mas tal se não dá. Deve procural-a em casa de qualquer amiga que lhe terá dado hospitalidade até ella estar mais socegada.

—Asseguro-lhe, minha senhora...

—Sim, sim, está bem. Comprehendi já, pela expressão do seu rosto, que julgava vêr em minha irmã Ellen Hawes, e talvez se regosijasse antecipadamente pensando em que tinha ganho a recompensa offerecida pelo marido, disse a joven, sorrindo. Está, porém, enganado. Sou irmã gemea da esposa do banqueiro e parecemo-nos extraordinariamente.

O criminalista exclamou:

—Quer dizer que a senhora é *miss* Mabel Douglas, ou, como se chamou durante algum tempo, *miss* Adelia d'Ermont! Como muda de aspecto o triste caso que aqui me trouxe, minha senhora...

—Triste caso... não comprehendo.

—Com certeza que não, visto não ser a senhora a que foi encontrada na rua do Duque, na noite de ante-hontem.

—Na rua do Duque! perguntou a joven. O que quer dizer com isso?

—Alguma coisa que receio lhe causará muita pena, *miss* Douglas, respondeu o criminalista.

E apoz uma pequena pausa:

—Não devo occultar-lhe o meu nome. Chamo me Sherlock Holmes, sou policia amador e estou incumbido de esclarecer um grave crime. Saiba, minha senhora, que a policia de Londres imagina desde hontem de manhã que a senhora não pertence ao numero dos vivos.

A joven, cujo rosto se tornou extremamente pallido, exclamou:

—As suas palavras aterram-me!

Ficou um momento silenciosa. Em seguida perguntou:

—Por que motivo havia eu de ter morrido?

—Haver morrido, não, exclamou o criminalista, mas sim ter sido assassinada de um modo horroroso.

—Assassinada! repetiu ella, recuando um passo. E quem é que me teria assassinado?

—Tambem lhe posso dizer isso. Um agente de policia crê, ter descoberto que o sr. Cotton a assassinou na noite de ante-hontem.

A formosa joven não poude deixar de sorrir ao ouvir taes palavras.

—O sr. Cotton? Aquelle a quem hontem concedi a minha mão para toda a vida perante o altar? O sr. Cotton assassinar-me?

«Sahi ante-hontem á noite de Londres em sua companhia, das onze horas para a meia noite, a fim de vir reconciliar-me com minha mãe a quem, infelizmente, não encontrei em casa. Mas como é que pódem suppôr tal coisa?

—*Miss* Barnuell, a sua governante da *villa* de Chisnick, reconheceu na photographia que se tirou da assassinada da rua do Duque *miss* Adelia d'Ermout. Ora é este o nome que usou nos ultimos annos, não é verdade, minha senhora?

«Tambem *miss* Barnuell reconheceu, como sendo da senhora, a capa que a morta levava. Além d'isso, declarou que *miss* Adelia tinha partido ante-hontem de tarde para Londres, muito commovida, para ter uma entrevista com o seu amante, o sr. Cotton, da infedilidade do qual soubera.

«A governante accrescentou ainda que a senhora sabia que o sr. Cotton, que mezes antes se mostrava muito carinhoso, queria fugir n'esse dia á noite com a esposa de um banqueiro.

«O agente de policia averiguou tambem que a senhora esteve ante-hontem á noite em casa do sr. Cot-

ton e que entre os dois uma scena bastante violenta teve logar.

«Suppôz, pois, esse agente, e não sem fundamento, que o sr. Cotton, que se julga ter desapparecido com a esposa do banqueiro, seu chefe, tinha resolvido desfazer-se da senhora de um modo horrivel.

A joven escutára a tremer a narração do criminalista. Ao terminar, ella exclamou, soltando um suspiro:

—Meu Deus! Que horrivel idéa a que me occorre!... E' certo que a desventurada cujo cadaver foi encontrado se parecia commigo? E' tanta a parecença que possamos ser confundidas?

—Absolutamente, replicou Sherlock Holmes. Vi a eu proprio. O rosto, o cabello, a cutis, as feições, as mãos, tudo, tudo é exactamente egual.

—Meu Deus! Que horror! disse ella.

E começou a soluçar desvairadamente, cobrindo o rosto com as mãos.

—Tinha suspeitas, continuou Sherlock Holmes. Por isso, fui visitar *miss* Barnuell para me informar a respeito da senhora. Parecia-me impossivel que um homem de fina educação como o sr. Cotton, e que durante longos annos vivera na melhor harmonia com a amante, a pudesse matar.

«Abri a sua secretária, minha senhora, a fim de vêr se descobria, por meio da sua correspondencia, se tinha algum inimigo, e vi que o seu verdadeiro nome era *miss* Mabel Douglas e que sua mãe vivia aqui, em Canterbury.

«Soube, além d'isso, que esta insistia em que a senhora terminasse as suas relações amorosas com o sr. Cotton, emquanto não casassem. Sua mãe aconselhava-a a imitar o exemplo de sua irmã, que, seguindo os seus conselhos, havia recusado o primeiro pretendente, casando em seguida com um homem de certa edade, mas rico e amavel.

Levando a mão ao bolso, Sherleck Holmes tirou a carteira e de dentro d'esta uma carta.

—Tambem encontrei esta carta na sua secretária...

Ella estendeu rapidamente a mão para pegar na carta, mas apenas lhe lançou a vista, retirou a mão bruscamente, deixando cair o papel no chão, como se lhe repugnasse o seu contacto.

Sherlock Holmes proseguiu:

—Esta carta preoccupou-me bastante. *Miss* Barnwell disse-me que ao receber esta carta pela primeira vez, a senhora ficou tão desagradavelmente surprependida como agora. A carta marca uma entrevista para a «Flôr de Liz», que fica proxima da *villa*.

«Pelo dono do restaurante. Breidelford, soube que, effectivamente, a senhora se encontrou ali com uma pessoa muito suspeita. Faz-me o obsequio de me dizer o que lhe queria aquelle homem?

—Pediu-me que interviesse junto de minha irmã Ellen, a esposa do banqueiro Hawes, para que lhe concedesse uma entrevista,—respondeu a joven.

—A que vinha tão extranho pedido?

—E' um antigo amante de Ellen.

—Como! Um homem tão repugnante soube captivar o coração de uma menina formosa e bem educada?—exclamou Sherlock Holmes.—E todavia deve ser assim, pois sua mãe diz sem reticencias que a então *miss* Ellen estava louca por elle...

—E é verdade. O marquez de Bligny, a quem Ellen conheceu em Paris, aonde eu a acompanhei, era então um homem formoso, elegante e de elevada posição.

«Mais tarde, a sua paixão pelo jogo fel-o perder gradualmente posição, fortuna e finalmente até a honra.

«Apezar d'isso continuava a perseguir Ellen, vindo mesmo Londres. Devido á insistencia de minha mãe, Ellen repelliu-o.

«De Bligny foi mais tarde para a Africa, onde se alistou na legião estrangeira e em resultado de um combate ficou-lhe destroçada a cara, de modo que teve que ir para uma casa de saude de Paris, onde um medico lhe substituiu a parte destroçada por uma especie de mascara.

—E veiu para reatar as relações com a sua antiga amante?

Assim parece, replicou Mabel. Devia ter amigos em Inglaterra que o tinham constantemente ao corrente da residencia de Ellen a qual estava cegamente enamorada de Cotton e queria fugir com elle ante-hontem á noite.

«Soube isto por de Bligny...

—A senhora foi ante-hontem á tarde a Londres?

—E' verdade, sr. Holmes.

E esteve em casa do seu amante?

—Estive, de tarde. Pedi-lhe que desistisse de seu proposito, recordando-lhe a solemne promessa que me tinha feito, os sacrificios que por elle fizera, que por sua causa me zangára com minha mãe e com minha irmã,, pela qual me ia substituir.

«James escutou-me, pediu-me que fôsse visitar minha irmã, e lhe fizesse ver a insensatez do seu plano, pois me assegurou que era fructo da imaginação d'ella. Em seguida prometteu formalmente acompanhar me aqui n'essa mesma noite, para nos casarmos e me reconciliar com minha mãe.

«Desde hontem sou a sr.ª Mabel Cotton.

—Felicito-a deveras por isso, exclamou Sherlock Holmes. Onde está seu esposo n'este momento?

—Em casa do sacerdote que hontem nos casou, a fim de trazer os documentos. Oh, meu Deus! Se elle soubesse o que d'elle pensam em Londres!... Mas sr. Holmes, se a morta se parecia tanto commigo, co

mo affirma,não póde ser outra senão minha pobre irmã Ellen.

E Mabel rompeu em amargo pranto.

—Ah! A ideia de que a victima póde ser Ellen despedaça-me o coração. Mas quem será o criminoso? Sherlock Holmes respondeu:

—E' isso o que tenho de averiguar. Faça-me o obsequeo de me explicar pormenorisadamente o que fez ante-hontem á noite, depois de sair de casa do que é hoje seu marido.

«Foi visitar sua irmã?

—Fui, sim, sr. Holmes, respondeu Mabel, limpando as lagrimas. Apesar de ha alguns annos nos não visitarmos e de a não ter visto depois de casar com o sr. Hawes, dominei o meu rancôr e resolvi ir a sua casa.

«Recebeu-me com a maior indifferença e chegou a fazer-me desesperar quando lhe fallei de James. Negou que tivesse relações intimas com elle.

«Finalmente, quando lhe disse que James pretendia casar commigo, que era elle quem ali me mandava para a fazer desistir do seu projecto de fuga e que elle me era fiel, mudou de attitude. Sentindo-se ferida no seu amôr proprio, disse-me:

«—Não quero impedir-te de seres feliz, mas quero vêl o ainda esta noite e dizer-lhe qué é um infame e um covarde.

«Tentei acalmal-a, mas debalde.

«Das nove para as dez horas da noite, saiu, para ir visitar James, e entre os dois deu-se uma scena violentissima.

«Devo accrescentar que para fazer crêr á governante de Cotton que era eu quem o ia visitar, ella levou a minha capa.

—Como é que sabe que elles questionaram. Esteve em casa do sr. Cotton?

—Explicou-m'o elle na estação do caminho de ferro, onde eu o estava esperando; disse-me que havia quebrado as suas relações com minha pobre irmã Ellen depois d'uma altercação violentissima.

«James acompanhou-a durante uns minutos a fim de tentar apezigual-a, mas de subito acercou-se d'elles o sr. Jonnatan Hawes, o que deu logar a que em plena rua se desse uma nova scena.

«Hawes pediu explicações a sua esposa pelo seu extranho procedimento de ir acompanhada por um homem, com quem questionava.

«James não sabe o que succedeu depois, pois era tarde e teve que ir á pressa para a estação, onde chegou momentos antes de partir o comboio.

—E o sr. Cotton não viu o primeiro pretendente de sua irmã, o horrivel de Bligny ou doutor Munrove como elle agora se intitula? perguntou o celebre criminalista. Avisou sua irmã das intenções de Bligny, que tão inesperadamente se apresentou em Londres?

—Sim, preveni-a, mas respondeu-me que lne mandara dizer pela creada que não continuasse a perseguil a. Riu-se d'elle.

—E todavia parece-me que sua irmã teria procedido melhor e com mais prudencia se tivesse tido medo d'esse homem fatidico e o tivesse denunciado á policia, para evitar a sua perseguição.

O grande criminalista ficou pensativo alguns instantes. Em seguida, continnou:

—Reflectindo bem sobre o caso, só ha duas pessoas sobre as quaes podem recahir as suspeitas de terem assassinado a desventurada: o esposo, espicaçado pelo ciume quando a viu sair de casa do seu empregado, e esse nefasto de Bligny, o mysterioso Bligny.

«Qual d'elles lhe inspira menos confiança?

—De Bligny, respondeu Mabel sem hesitar e estremecendo. Pobre irmã, porque não fizeste caso dos meus conselhos quando te disse que não fôsses visitar James de noite? Porque, meu Deus, não ficaste em casa?...

—Tinha de ser. Ha quem seja fatalista.

—De que modo a assassinaram?

—Permitta-me, minha senhora, que guarde silencio a tal respeito, para não augmentar a sua dôr, replicou Sherlock Holmes.

—Tão horrorosa foi a morte!

—Na opinião do medico e na minha propria a morte foi quasi instantanea e sem dôr.

—Onde está agora o cadaver.

—Provavelmente no hospital da policia.

—O esposo de Ellen já sabe o que aconteceu?

—Não creio, a não ser, é claro, que tenha commettido o crime. E' provavel, pois, que elle julgue, como ha pouco disse, minha senhora, que a esposa está em casa d'alguma amiga.

«Não suppôz que eu era um enviado do banqueiro para vir aqui procurar sua irmã...

—E' exacto, interrompeu Mabel, chorando. Pobre homem! Deve estar desesperado, pois amava apaixonadamente minha irmã. Ainda bem que minha boa mãe não está aqui. Se lhe dissesse o que me disse, ella teria morrido de pezar.

«Se isso fôr possivel, que minha mãe nunca saiba o que succedeu a Ellen, a essa desventurada que não podia deitar as culpas a ninguém do mal que lhe succedeu e do qual só ella foi responsavel.

Mabel Cotton levantou-se com vivacidade, dirigindo-se para a porta. Ouvira os passos do marido.

—Ahi vem James, exclamou ella soluçando, que não sabe a terrivel noticia que o espera. E' melhor que seja o sr. Holmes quem lhe conte tudo. Elle poderá dizer se é verdade ou não o que lhe contei, e poderá assim formar juizo seguro da seriedade e honradez de meu esposo.

Apenas ella havia proferido estas palavras, abriu-se a porta!

Um homem, sympathico e risonho, entrou na sala. Devia ter uns trinta annos. Ficou muito admirado ao encontrar ali um desconhecido e a esposa deveras pesarosa.

D'ahi a pouco sabia o que acontecera, ficando tambem profundamente impressionado.

Quando o grande criminalista lhe disse que, em consequencia das investigações de Holk, a policia de Scotland Yard havia telegraphado para todas as partes, pedindo a sua detenção, assim como a da esposa do banqueiro, Cotton resolveu immediatamente acompanhar Sherlock Holmes, indo tambem sua esposa, para convencer a policia de que o agente Holk incorrera n'um erro gravissimo, reconhecendo na assassinada a joven *miss* Adelia d'Ermont.

O criminalista approvou a idéa.

No comboio da tarde seguiram para Londres.

CAPITULO VII

Terrivel resultado de uma busca

A visita de James Cotton, acompanhado de sua esposa e do celebre criminalista, ao chefe superior de Scotland Yard, precipitára de subito o agente Holk das alturas da gloria a que se havia elevado, ao mais profundo abysmo.

Demonstrou-se que todas as suas pesquizas tinham sido um verdadeiro fiasco. O agente quasi que ia endoidecendo.

O chefe da policia pediu a Cotton e a sua esposa que lhe contassem com todos os pormenores o que se tinha passado na terça feira, especialmente o encontro e a questão havida entre Hawes e Ellen, concluindo pela opinião, já expandida anteriormente como vimos, por Sherlock Holmes, de que apenas sobre duas pessoas podiam recair as suspeitas: o marido da assassinada e o mysterioso de Bligny, o homem do maxillar de ferro.

Mabel reconheceu immediatamente o cadaver. Era o de sua irmã Ellen.

Sem perder tempo, o criminalista começou a trabalhar para pôr o caso a limpo. Durante a sua ausencia, nem o ruivo Billy, nem o falso doutor Munrove tinham voltado á taberna «A Torre».

Acompanhou os recem casados a Chisnick para se informar ali se o mysterioso doutor teria reapparecido, mas o resultado foi negativo, pelo que resolveu dirigir-se immediatamente á rua de Oxford, a casa do banqueiro Hawes.

E, se bem o pensou, melhor o fez.

Visto que, segundo dizia a esposa de Cotton, a creada da irmã fôra a intermediaria entre este e o falso doutor Munrove, a primeira diligencia a effectuar e a mais importante era interrogar essa creada.

Esperava, além d'isso, encontrar o banqueiro em casa, pois Hawes até áquelle momento não fôra visto em parte alguma.

O apparecimento de um agente de policia e principalmente da envergadura de Sherlock Holmes causou extraordinario assombro á intelligente rapariga que era creada de confiança da pobre victima.

A menina Branca Toussaint, assim se chamava a creada, era de nacionalidade franceza e temperamento fogoso.

—No seu rosto bonito mas energico, e nos olhos vivos e falsos descobriu facilmente o grande policia que ella devia ser pelo menos cumplice dos criminosos. Mas não contava com a perspicacia e esperteza da rapariga.

Sherlock Holmes interrogou-a habilmente; perguntou-lhe se conhecera já em Paris o amante da sr.ª Hawes, o marquez de Bligny.

A principio, a creada fingiu se offendida, pretendendo sustentar a honra da ama, negando tudo, mas acabou por confessar com os olhos marejados de lagrimas que já em Paris o marquez de Bligny lhe fizera alguns presentes, visto já estar ao serviço de Ellen.

Declarou não ter visto os amantes juntos em Londres, mas que fôra mandada por sua ama a casa do marquez, para lhe communicar que não continuasse a incommodal-a com a sua perseguição.

O marquez mostrára se muito pesaroso, mas não zangado, e a creada accrescentou que não o julgava capaz de se vingar de Ellen, a quem elle adorava.

Interrogada em seguida sobre o que se passára na noite do crime, declarou que Ellen tinha recebido na terça feira á noite a visita de sua irmã *miss* Mabel e que poucos minutos depois das nove horas saira para ir visitar Cotton, empregado do escriptorio de seu esposo, com quem queria fugir n'essa mesma noite.

Accrescentou ainda que Ellen levava a capa de sua irmã, para que a governante de Cotton a tomasse por *miss* Mabel.

—Quanto a seu esposo, continuou a rapariga, o banqueiro, já devia saber que sua mulher, muito mais nova do que elle, tinha relações illicitas com o seu empregado.

Declarou ainda que Hawes vigiava muito de perto sua esposa e que a vira sair de casa para se dirigir á de Cotton, que vivia na rua de Oxford.

—Vi com os meus proprios olhos o sr. Hawes sair de casa poucos minutos depois de sua esposa ter sahido, disse ella. Apesar do espesso nevoeiro, observei

que a seguia a poucos passos de distancia e que tentava que ella o não visse.

—E quando voltou o sr. Hawes a casa? Pode dizerm'o com exactidão?

—Sim, senhor, respondeu a creada. Parece-me que o sei.

—A que horas foi?

—A's dez e meia.

—Não se tinha deitado?

—Não, senhor, tinha o costume de esperar que minha ama voltasse. Estava a ler no meu quarto. Ouvi abrir a porta da escada, escutei e ouvi os passos de alguem que subia.

—Viu o banqueiro quando elle voltou para casa?

A menina Toussaint hesitou antes de responder.

—Ver, não vi, respondeu finalmente. O corredor estava muito escuro, mas conheci-o pelos passos e além d'isso uma pessoa extranha não teria encontrado na escuridão o gabinete do sr. Hawes.

Sherlock Holmes nada objectou. Limitou se a dizer com a maior tranquillidade:

—Queira continuar. Diga-me quando tornou o banqueiro a sair de casa, pois, segundo consta, ainda não voltou aqui desde essa noite.

—A's quatro horas da manhã, hora a que ouvi fechar a porta da rua. O sr. Hawes devia ter descido a escada muito devagarinho, mas tornou a subir, abriu a porta do quarto da esposa, naturalmente para vêr se ella já tinha vindo, e saiu apressadamente.

—Viu-o?

— Sim, porque parou um momento debaixo d'um candaero da rua.

—Sabe mais alguma coisa menina Tossaint? perguntou Sherlock Holmes. Pare me lêr-lhe no rosto que ainda não disse tudo o que sabe.

—E' verdade, respondeu ella.

—Fale, nada me deve occultar.

—Ouça, pois. Quando, ás dez horas e meia, o sr. Hawes chegou a casa, entrou no seu quarto. Durante muito tempo tudo esteve silencioso, mas, de subito, ouvi abrir a porta do quarto muito devagarinho.

«D'ahi a pouco ouvi alguem, o banqueiro, segundo supponho, encaminhar-se para o seu gabinete de trabalho. Deve comprehender que tive a curiosidade de saber o motivo por que, alta noite, se dirigia com tanto segredo para o seu escriptorio.

«Vesti-me á pressa, apenas com o indispensavel, e desci a escada procurando não fazer barulho.

«Ao chegar á porta do escriptorio, parei e puz-me á escuta. Ouvi abrir uma gaveta, como que para guardar algum objecto, e fechal-a em seguida. Tive apenas o tempo sufficiente para fugir,s em que elle desse pela minha presença.

«Em seguida o banqueiro voltou para o seu quarto com as mesmas precauções e até ás quatro horas da manhã nada mais ouvi.

—Muito obrigado, menina, disse Sherlock Holmes depois de reflectir um momento. As suas ultimas palavras parecem-me muito importantes. Queira indicar-me onde é o escriptorio do sr. Hawes.

—Sim, senhor.

Seguida pelo criminalista, a creada atravesrou um corredor.

Sherlock Holmes entrou no gabinete e approximou-se da secretária.

Com as chaves falsas de que sempre andava munido, em breve a abriu.

Revistou differentes compartimentos e gavetas sem encontrar coisa alguma que valesse a pena ter sido occulta de modo tão mysterioso.

Finalmente a menina Toussaint soltou um grito de horror.

N'uma das gavetas fizera uma descoberta horrivel.

Estava ali o dedo annullar da morta, com um annel. A menina Tossaint reconheceu o dedo como pertencente a sua ama, pois declarou que sempre trazia aquelle annel.

Sherlock Holmes embrulhou o dedo n'um papel, fechou a secretária e convidou a joven a seguil-o immediatamente a Scotland Yard, para repetir ali o seu depoimento.

* * *

O criminalista ficou arsombrado ao encontrar ali o banqueiro Hawes, que acabava de ser preso, disfarçado.

Holh surprehendera-o no momento em que elle se preparava para tomar um comboio que ia partir para Londres, prendendo-o.

Cotton foi chamado pelo telephone para depôr como testemunha e, logo que elle chegou, o chefe da policia de Sacotland Yard interrogou detidamente Hwes em presença de Sherlock Holmes, da creada e de Cotton.

O banqueiro, homem dos seus cincoenta e dois annos, declarou que realmente se preparava para tomar o comboio que seguia para Canterbury com tenção de ir visitar, disfarçado, sua sogra, que vivia ali, julgando que encontraria sua esposa cujo paradeiro ignorava.

Com as lagrimas a correrem lhe pelas faces, jurou que nada sabia a respeito da morte de Ellen e quando o collocaram em frente do cadaver, quando viu a ferida mortal, soltou gritos de espanto e de horror, ficando n'um estado de desespero irrenarravel.

Horrorisado e indignado repelliu a accusação de

haver praticado semelhante atrocidade, assim como a de haver cortado o dedo de sua esposa Ellen e de o ter guardado na sua secretária.

Assegurou que Cotton dizia a verdade; que entre elle e a esposa se dera uma questão na rua e tambem não negou que Ellen dissera que não voltaria a casa.

Exclamou a chorar:

—Suppliquei a minha esposa que desistisse da sua resolução, suppliquei-lhe que voltasse para casa, mas repelliu-me, dizendo que não podia viver a meu lado. Em seguida fugiu de mim e como nas ruas pouco ou nada se via, cevido ao nevoeiro, não a pude encontrar. Suppuz que se tinha retirado para algum hotel ou para casa d'alguma sua amiga.

—E voltou sósinho para casa? perguntou-lhe o chefe da policia.

—Não, senhor. Desesperado andei vagueando horas e horas pelo bairro em que havia encontrado Ellen em companhia de Cotton, tendo ainda a esperança de a encontrar.

«Fatigado e deveras commovido, voltei finalmente a casa ás quatro horas da manhã, mas o que fiz foi apenas ir ao quarto de minha esposa vêr se ella já tinha vindo. Como assim não sucedera, tornei a sahir immediatamente.

«Louco, desesperado pela dôr, vagueei por toda a cidade de Londres, até que me occorreu a ideia de ir disfarçado a casa da mãe de Ellen; onde julguei que ella estivesse.

—Nega então tudo o que esta menina, e o chefe de policia apontou para a criada, declara? Diz ella que o senhor voltou para casa ás dez e meia e que depois de estar algum tempo no seu quarto, se dirigiu para o seu escriptorio e abriu e fechou a secretaria. Não é isto verdade?

—Digo e repito que não fui a minha casa antes das quatro horas da manhã, respondeu Hawes com voz firme.

—E não suppõe quem tenha podido metter este dedo n'uma gaveta secreta da sua secretaria? Creio que só o sr. Hawes conhece a existencia d'essa gaveta...

—Não sei quem ahi o puzesse. Como póde suppôr capaz de semelhante iniquidade, de tal villania aquelle que durante toda a sua vida foi um homem honrado?

—Não podemos fazer outra coisa, replicou com firmeza o chefe de policia. N'este drama o senhor está em extremo compromettido, e tanto mais que agora mesmo acabo de receber uma carta anonyma, mas que diz que aquelle que a escreveu foi testemunha do que se passou, e na qual o accusam.

«Diz essa carta que foi o senhor quem levou o dedo para sua casa e em virtude d'isto nada mais tenho a fazer do que remettel-o ao tribunal, onde se apurará a verdade.

O banqueiro Jonnatan Hawes foi enviado para o tribunal, que considerou como o perigoso vampiro de Londres, de que toda a cidade se occupava.

O chefe de policia felicitou Sherlock Holmes pelo seu novo triumpho, mas este não acceitou as felicitações, pois, intimamente, estava convencido da inoncencia do banqueiro.

E dirigiu-se pensativo para sua casa, onde o estava esperando o seu fiel ajudante Harry Taxon.

Este, logo que o mestre entrou, perguntou-lhe:

—Então, mestre, entregou já o vampiro nas mãos da policia? E' mais um triumpho, e felicito-o.

—Não acceito as felicitações, disse o grande policia muito aborrecido.

«Tenho a convicção de que o banqueiro Hawes, que está preso, e que todos julgam criminoso, está innocente. E' victima d'uma fatalidade e de provas accumuladas diabolicamente para o perderem, e pôrem a coberto o verdadeiro criminoso, que é, incontestavelmente, o tal doutor Munrove, que tem como cumplice a criada do banqueiro. O dedo escondido na secretária d'este, a carta anonyma e todas as outras provas, são obra d'esse infame.

«Mas ainda não está dita a ultima palavra.

«Heide provar a culpabilidade do verdadeiro assassino, e salvar da morte o desgraçado banqueiro.

—Mas porque não tentou já em Scotland-Yard lançar pelo menos a duvida no espirito da policia, para que esta o não entregasse de prompto ao poder judicial, e assim ter tempo de provar a innocencia do banqueiro?

—Era tempo perdido. O que urge é pôr-me em campo e proceder de maneira que possa obter a confissão da bocca do criminoso.

«Mas estou um pouco fatigado e preciso dormir. D'aqui a duas horas acorda me, porque temos de ir á «Torre» procurar o nosso amigo Bily.

Harry Taxon retirou-se.

Passado duas horas foi accordar o grande criminalista.

Este levantou-se immediatamente, e depois de ter tomado uma pequena refeição, e de se disfarçar convenientemente, assim como Harry, sahiram ambos para a rua.

Dirigiram-se primeiro a Scotland-Yard, e Holmes mandou dizer ao inspector de policia que lhe desejava fallar.

Este mandou-o entrar.

—Então o que o traz por cá, senhor Holmes?

—Um caso de consciencia, senhor inspector; desejo evitar um erro de justiça, e collocar a minha consciencia e a sua na situação de não nos accusarem.

O inspector olhou o admirado.

—Mas não o comprehendo, explique se.

—E' facil. Ora diga-me, durante o interrogatorio que soffreu o banqueiro Hawes não notou um cunho de verdade em todas as suas respostas?

«Não lhe parece que a sua revolta, vendo-se accusado de tão monstruoso crime, era sincera?

«As suas respostas precisas e claras, as suas lagrimas, e finalmente o seu abatimento, não o impressionaram?

—Mas o que quer o senhor provar com isso?

«Quer o senhor dizer que o banqueiro não é o assassino de sua desgraçada esposa?

«Ora, senhor Holmes, não esperava que o senhor viesse agora pôr em duvida a culpabilidade do banqueiro, quando sabe que as provas accumuladas contra elle mostram á saciedade que é elle o criminoso.

«Emquanto á maneira porque se defendeu, é sabido que os maiores criminosos são os que mais habilmente se defendem, chegando algumas vezes a collocar-nos em hesitações; mas por fim, habilmente apertados, e na ultima extremidade, confessam, e muitas vezes nos degraus do patibulo.

—Assim será em alguns casos, mas não n'este. O banqueiro nada confessará, porque não está criminoso. Estou convencido da sua innocencia e ninguem me fará mudar de opinião.

«Envolveram o desgraçado em uma rêde de malhas tão estreitas que o desgraçado não tem por onde sahir.

«Mas a verdade ha-de descobrir-se; e serei eu quem se encarregará de a mostrar.

O inspector, que estava convencido da culpabilidade do banqueiro e, forçoso é dizel-o, tudo era de molde para confirmar essa convicção, replicou:

—Bem. Discutamos com serenidade.

«O senhor que se mostra tão convencido da innocencia do banqueiro Hawes, diga-me: Já descobriu então o verdadeiro criminoso?

Sherlock Holmes respondeu energicamente:

—Sim, e não!

—Como?

—Sim, porque conheço o verdadeiro criminoso, e até já lhe fallei; não, porque ainda o não pude apanhar, apesar de todos os meus esforços e da minha grande vontade.

O inspector ficou assombrado.

Custava-lhe acreditar o que ouvia.

Mas o genial policia fallava com tal convicção, e a sua opinião era tão respeitada, que a duvida começou tambem a invadir o inspector principal.

—Mas porque não fallou n'isso ha mais tempo?

—Porque os acontecimentos se precipitaram; e as medidas que adoptei para capturar o verdadeiro criminoso e arrancar-lhe a confissão do crime não deram ainda o resultado que em breve tempo espero obter.

—Apesar da grande confiança que me merece, e a que os seus grandes serviços prestados á sociedade lhe dão incontestavel direito, não me sinto fortemente abalado na minha opinião.

«No emtanto, se para proseguir os seus trabalhos precisar do auxilio da policia, porei da melhor vontade alguns dos meus melhores agentes debaixo das suas ordens, e oxalá nos traga a prova da innocencia do banqueiro Hawes. A sociedade dever-lhe-ha mais um serviço, e a justiça o ter-lhe evitado um erro.

«Apesar de se dizer que eu não tenho coração, prefiro dar liberdade a um criminoso, a contribuir que um innocente seja executado.

—Fazem-lhe honra esses sentimentos, senhor inspector, o que aliás eu não ignorava; e agradeço-lhe a complacencia com que se tem dignado ouvir-me.

«Acceito o seu offerecimento, e opportunamente lhe mandarei reclamar os agentes que me fôrem precisos.

Despediu se do inspector com um cordeal aperto de mão e sahiu na companhia do seu fiel ajudante Harry Taxon.

CAPITULO VIII

Salvo no ultimo momento

Sherlock Holmes e Harry Taxon iam diariamente á «Torre», disfarçados como no primeiro dia que ali tinham estado, para encontrarem o seu amigo Billyi.

Finalmente uma tarde encontraram se. Billy chamou immediatamente o supposto Jimy para lhe fallar do projecto do homem do maxilar de ferro, que se devia executar n'aquella noite!

Depois de conferenciarem um boccado n'um pequeno gabinete isolado, sairam da taberna ao escurecer.

Harry recebera previamente instrucções. Tinha de seguil os a pequena distancia, sem os perder de vista, acudir, sendo preciso, para ajudar o mestre, e alguns policias para prender os criminosos.

O homem do maxilar de ferro escolhera de novo uma noite de nevoeiro para executar a sua empreza, a fim de trabalhar com mais segurança.

Quando já a maior parte dos londrinos repousava, Jimy e Billy dirigiram se, não sem fazer grandes rodeios, de Wapping para a rua de Oxford, escondendo-se no portal de uma casa.

Billy havia dito ao supposto Jimy que esperasse ali até que elle e Munrove se encontrassem e entrassem em casa do banqueiro Hawes. Em seguida, entraria Jiny, escondendo-se n'algum canto do corredor, para acudir quando Billy desse um assobio.

Sherlock Holmes concordou com o plano do criminoso. Apenas viu os dois criminosos penetrarem na casa, fez um signal a Harry, que, acompanhado de alguns dos policias secretas estava já esperando, muito pxroimo d'ali.

Seguido por elles, o criminalista entrou na casa pouco depois de terem entrado os ladrões, aos quaes a menina Toussaint abrira a porta, que ficára apenas cerrada, sem duvida por indicação de Billy.

Poucos momentos depois, Sherlock Holmes, Harry Taxon e os policias, todos bem armados, estavam emboscados.

Silenciosamente subiu o criminalista a escada, vendo Billy e Munrove guiados pela infiel creada, penetrarem no escriptorio do banqueiro. O primeiro começou immediatamente a arrombar a secretária de Hawes.

Por uma fisga da porta entreaberta, Sherlock Holmes podia vêr o que se passava no escriptorio.

Ao abrir uma das gavetas, os olhos de Munrove scintilaram de satisfação ao vêr que a'guma coisa, talvez o dedo de Ellen, não estava já ali.

O malvado continuou trabalhando, abrindo um compartimento secreto que passára despercebido a Sherlock Holmes.

O criminoso guardou á pressa um maço de cartas.

Pretendeu fazer o mesmo a algumas joias, mas Billy oppôz-se energicamente, entabolando-se entre os dois uma acalorada discussão, que em breve degenerou em lucta corpo a corpo.

O do maxillar de ferro levou a mão ao bolso interior, tirando um reluzente punhal, que tentava enterrar na garganta do adversario.

Este deu um grande assobio, o signal combinado com Jimy para este ir em seu soccorro.

O criminoso ficou extraordinariamente surprehendido ao ouvir um outro assobio que Sherlock Holmes dera quasi ao mesmo tempo.

Um instante depois, o ajudante do grande criminalista e os policias haviam subido a escada, para entrarem, juntamente com Sherlock Holmes, no escriptorio do banqueiro.

Quando mais accesa era a lucta entraram no aposento.

Uma curta lucta se travou entre os aterrados criminosos e os agentes da auctoridade.

Poucos minutos depois, o mysterioso doutor, Billy e a creada estavam bem ammarrados e reduzidos á impotencia.

A ultima jurava por todos os santos que era innocente e que nada tinha que vêr com aquelles desconhecidos. Mas foram inuteis os seus protestos.

N'uma carruagem, que esperava á porta, foram todos conduzidos para Scotland Yard.

O supposto doutor foi immediatamente submettido a um interrogatorio. Apezar das accusações de Sherlock Holmes com relação ao assassinio de Ellen Hawes quiz demonstrar a sua innocencia, affirmando que desde as nove horas até á meia noite, hora a que encontrára os dois policias amadores na rua do Duque, estivera a trabalhar.

E, com effeito, um medico em cujo consultorio Munrove trabalhava affirmou que, das nove horas á meia noite, o seu empregado estivera juntamente com elle no consultorio

Todas as circumstancias eram altamente desfavoraveis para o banqueiro, que foi finalmente, condemnado á pena de morte.

A accusação era categorica. Hawes era culpado do horrivel crime commettido na pessoa de sua esposa, impellido pelo ciume.

Apesar dos seus reiterados protestos de innocencia, d'ahi a poucos dias seria executado.

Todos os jornaes annunciaram para o dia seguinte, de manhã, a execução da sentença confirmativa da pena de morte para o «vampiro de Londres» O logar do drama era o pateo do carcere de Nervgate.

. . . . . .

. . . . . .

Os primeiros raios do sol nascente atravessavam o denso nevoeiro que envolvia a cidade do Tamisa quando já no pateo do carcere de Newgate reinava desusado movimento.

Grande numero de curiosos, vestidos de preto, olhavam estremecendo, para o cadafalso, que fôra levantado ao fundo do pateo.

A hora terrivel não soára ainda.

Ainda não haviam chegado as auctoridades, o sentenciado e nem sequer o sacerdote.

O verdugo deu aos seus ajundantes as ultimas ordens.

Pouco depois apparecia no pateo uma força.

As auctoridades chegaram tambem.

Tudo estava preparado.

O procurador regio, com os documentos e um pequeno papel na mão abria a comitiva das auctoridades, todos revestidos com os seus habitos profissionaes.

Em seguida abriu-se a porta de ferro da prisão que dava para as cellas dos condemnados á pena ultima.

Abatido, cambaleando, mais morto que vivo, appareceu finalmente o banqueiro Jonnatan Hawes, amparado pelo capellão do carcere e pelo director, encaminhando-se para o cadafalso.

O procurador regio fez um signal e tudo ficou silencioso. Abriu o documento que tinha na mão e leu o seu contheudo.

Ao terminar, exclamou com voz vibrante:

—Pelo que, entrego o condemnado Jonnatan Hawes ao carrasco e que Deus se amercei da sua alma.

E, dizendo isto, o procurador regio bateu na cabeça do réu com o fragil papel, que se fez em dois pedaços.

—Estou innocente! Estou innocente!—exclamou o infeliz, caindo de joelhos.

Os ajudantes do carrasco agarraram-no, levando-o para o cimo do cadafalso.

O desgraçado considerava-se já perdido, quando de subito, ao fundo do pateo, se ouviu uma voz bradar alto:

—Em nome do rei, suspendam a execução!

O carrasco ia carregar na terrivel mola.

Todos olharam, estupefactos, para o homem que, a transpirar abundantemente e offegante, entrava a correr no pateo.

—Aqui está, sr. procurador regio, exclamou elle, a ordem real suspendendo a execução...

E dizendo isto entregou um documento sellado e assignado pelo rei de Inglaterra e seus ministros.

—Jonnatan Hawes está innocente. O assassino é o marquez de Bligny, o homem do maxillar de ferro, accrescentou Sherlock Holmes.

Era o grande criminalista o homem que assim entrára no pateo da prisão.

Depois de se convencer de que o documento que lhe apresentavam era authentico, o procurador regio mandou suspender a execução.

—Salvou o no ultimo momento, disse elle, apertando a mão do criminalista, que ainda não recuperára alento.

Alguns segundos depois, o banqueiro estava livre dos laços e de pé, quasi sem poder manter se, devido á grande commoção que soffrera.

O criminalista convidou-o a seguil-o e, mettendo-se n'uma carruagem, acompanhou-o á sua casa da rua de Oxford, onde Hawes caiu doente.

* * *

Logo que se achou bom, o celebre criminalista explicou lhe que, quando apenas faltavam duas horas para a sentença ser executada, o marquez de Bligny, impulsionado pelos remorsos, confessára ter sido elle quem assassinára a esposa do banqueiro.

Desesperado pela negativa de Ellen não querer reatar relações com elle e levado pela sua sêde de vingança, de Bligny seguira na terça feira á noite a esposa do banqueiro desde a casa d'este até á de Cotton.

Elle tambem, como Hawes, esperára na rua que Ellen saisse e fôra testemunha da questão havida entre os dois esposos. Fôra depois seguindo Ellen até á rua do Duque, onde lhe dera tão terrivel mordedela na garganta que lhe cortára a carotida.

Confessou, ainda, que na noite do crime penetrára em casa de Hawes, devido á cumplicidade da creada, que lhe abriu a porta, e que occultára na secretária o dedo que cortára a Ellen.

Mais tarde chamára a attenção da policia sobre wawes, escrevendo uma carta anonyma.

A' meia noite, voltara á rua do Duque, onde encontrára Sherlock Holmes e Harry Taxon, fingindo ter encontrado por acaso o cadaver da desgraçada.

As auctoridades averigaram que Munrove era um criminoso com largo cadastro em quasi todos os paizes.

O rosto fôra estropeado ao evadir-se de uma prisão na Russia.

No dia seguinte áquelle em que fizera a confissão do crime, o carcereiro encontrou-o morto na cella.

Fizera justiça a si proprio, tomando uma poção venenosa que conseguira occultar n'um frasco.

O clinico que jurára falso suicidou-se tambem.

Quanto a Branca Toussaint, conseguiu evadir-se, fugindo para o estrangeiro.

FIM

Ler no proximo numero:

A mulher do véo branco

Aventuras extraordinaria d'um policia secreta

Collecção Artistica

Publicação mensal e illustrada das mais sensacionaes novidades litterarias extrangeiras

Volumes publicados

1. **Arsenio Lupin, gatuno da alta roda,** *por Maurice Leblanc (Esg.)*. 2. **O Homem Mysterioso,** *Guy de Téramond*. 3. **O tumulo de gelo,** *Pierre Giffard*. 4. **Arsenio Lupin contra Herlock Sholmes,** *Maurice Leblanc*. 5. **Um grito na treva,** *Golsworthy*. 6. **O Prisioneiro de Marte,** *G. Le Rouge*. 7. **O Club dos Ladrões,** *Henry A. Hering*. 8. **A Agulha Oca,** (Novas aventuras de Arsenio Lupin) *M. Leblanc*. 9. **O Homem sem rosto,** *Paul d'Ivoi*. 10 **A Virgem Vermelha,** *Pierre Giffard* 11. **O Canhão do somno,** *Paul d'Ivoi* 12. **Qual dos tres!** *grande romance policial, A. Q. Green*. 13. **A Guerra dos vampiros,** *G. Le Rouge*. 14. **O Pirata de Ferro,** *Max Pemberton*. 15, **As tres gatunas,** *sensacional romance de aventuras) Paul d'Ivoi*. 16. **Kowa, a mysteriosa** *por Ch. Foley*. 17. 813. (Novas aventuras de Arsenio Lupin). *por M. Leblanc*. 18. **Em Férias.** *por Henri de Régnier*.

350 rs. Cada vol. in-4°, contendo a materia de um grosso vol. in-8°, de 300 **rs. 350**

EMILIO GANTE

HISTORIA POPULAR DA PROSTITUIÇÃO

Desde os primitivos tempos até á actualidade

Acham-se publicados tres volumes

I Obscenidades primitivas—A Prostituição na Antiga Grecia 300

II Impudicicias de Roma Primitiva — Devassidão dos Romanos 300

III Desmoralisação Franceza—Tempos modernos.. 300

No prélo:

IV (e ultimo volume) Tempos modernos..... 300

A Guerra nos Ares

por G. A. WELLS

Actualmente, os romances de aventuras extraordinarias e os romances de observação, cheios de imprevisto, de situações altamente dramaticas e emocionantes, de mãos dadas com todos os progredimentos scientificos, com todos os grandes problemas que agitam a humanidade substituem a novella sentimental, pieges, que noutro tempo fez as delicias dos nossos maiores.

O assumpto principal desta magnifica obra, resume-se na luta tremenda entre as potencias que actualmen e se impõem ao mundo pela supremacia da força.

Wells, o auctor desta inconfundivel producção não descurou tambem no seu bello livro **"A GUERRA NOS ARES,,** o entrecho amoroso que to na todos os episodios palpitantes de sentimento e adorados do publico as personagens chamadas a desempenho no empolgante drama os papeis mais simpathicos que mais falam ao coração, scenas d'amor, de heroismo levado até ao sacrificio, de nobre patriotismo, de absoluta crença e de profunda fé no edial que visam.

60 reis Cada numero contendo um episodio completo **reis 60**

Volumes publicados

1. A vespa gigante. 2. Os derviches do deserto. 3. A armada aerea. 4. O Combate no Atlantico. 5. O ataque a Nova-Yorck 6 A batalha aerea. 7. A lucta mundial. 8. A morte do principe Karl Albert. 9. (e ultimo) Epilogo d'uma tragedia

JIU-JITSU

TRATADO PRATICO DE PREPARAÇÃO E DE COMBATE

1 vol. edição de luxo com 19 bellas photogravuras de pagina

600 reis

CAROLUS DIDIER

A ORGIA BIBLICA

Romance passional, baseado na narrativa biblica

1 grosso volume, edição de luxo, magnificas gravuras e capa artistica **700 rs.**

RENÉ EMERY

S.ta Maria Magdalena

Romance dos tempos biblicos

I A Paschoa de Formosura—II Chammas de voluptuosidade—III Moab, terra da luxuria—IV Pela senda do amôr—V Beijo supremo.

1 eleg. vol. em 8° com artistica capa a 8 côres **700 rs.**

Dr. PEDRO GUERDER

O MEDICO POPULAR

Como nos devemos tratar

Como nos devemos curar

No titulo d'este livro, acha-se sufficientemente indicado o fim a que elle visa A sua leitura diminuirá a inquietação nas familias, pois as doenças deixarão de lhes apparecer sob um aspecto mysterioso que resente da falta de conhecimentos de medicina

Um volume 8° gr. illustrado, de 226 paginas e 1 appendice

Preço 700 rs. Elegantemente cartonado. **Preço 700 rs.**

NICK CARTER

O celebre policia americano

Aventuras extraordinarias e sensacionaes do incomparavel detective

100 RS. CADA VOLUME CONTENDO SEMPRE UMA OBRA COMPLETA **RS. 100**

Não existe um americano, seja elle quem for, que desconheça o nome de **Nick Carter**, e todavia não existe talvez um unico homem em todos os Estados Unidos que garanta conhecer o rosto sympathico do mais celebre **policia do mundo**! O amigo mais intimo d'este famoso agente, o inspector Mc Cluck, o grande director da policia criminal de New York, duvida se alguma vez conseguiu ver **Nick Carter**, tal qual verdadeiramente é.

N'esta verdadeira **maravilha do disfarce**, n'esta incomparavel arte de se vestir, mudar de aspecto, de physionomia, de voz e de olhar, reside o segredo dos mais inacreditaveis exitos de **Nick Carter**. E isto o que lhe permitte arriscar-se *sem que ninguem o reconheça* ao mais audaciosos antros, entrando tanto nos salões aristocraticos, como nos mais horriveis antros onde impera a escumalha da sociedade, onde o vicio vive de mãos dadas com as mais ignobeis orgias.

OS MYSTERIOS DE NOVA YORK cidade que, outr'ora simples aldeia de pescadores, é hoje a segunda cidade do mundo, pelo tamanho, estando no caminho de tornar-se no futuro a Metropole da Terra; essa cidade na qual a vida é alegre ou triste, embriagadora ou miseravel como em nenhuma outra parte; onde a policia prende um gatuno de 3 em 3 minutos; um assassino de 8 em 8 horas; onde as prisões abarrotam dos mais sinistros personagens; essa cidade é todos os seus mysterios conhece-os

NICK CARTER

que narra pessoalmente as suas famosas proezas cada uma das quaes, publicada em volume, **fórma um episodio completo.**

Volumes publicados:

O rei do crime 2. O ninho dos ratos 3. Demonio feminino 4. O cadaver falsific do 5. O ultimo crime d Carruthers. 6. O rapto d'um noivo. 7. Visinho mysterioso. 8. Caça aos milhões. 9. Um plano diabolico. 10. O rei dos gatunos. 11 O rapto da duqueza 12. Historia tragica d'um suicidio. 13. Uma casa de batota. 14 O homem da mão de ébano. 15. As joias de mr. Hackett.

100 rs. O volume contendo sempre uma obra completa **100 rs.**

EMPRESA LUSITANA EDITORA

Calçada do Ferregial, 23, LISBOA

Quadros synopticos de BOTANICA

PARA A

4.ª e 5.ª classe dos lyceus

Esta obra é duma grande utilidade para os alumnos que frequentarem qualquer d'estas duas classes, tendo por fim poupar o tempo que os estudantes teriam de perder se estudassem pelos livros adoptados. Os

Quadros synopticos de Botanica

vieram preencher uma lacuna que existia ha muito no nosso meio escolar.

Preço 200 reis

COMO SE CONQUISTAM MULHERES

Conselhos a um rapaz

1 vol. ed. de luxo, 600 rs.

LEIAM TODOS:

O conquistador de criadas

Hilariante romance d'aventuras galantes

Um grosso volume com capa artistica e explendidas gravuras **300**

MEMORIAS D'UMA PARTEIRA

Assumpto empolgante

O livro mais discutido em França, onde causou enorme sensação

Um grosso volume, edição de luxo, com bella capa artistica **600 réis**

Invasão Amarella

pelo capitão DANRIT

Um irresistivel movimento da raça mongolica, uma terrivel convulsão dos povos que habitam a Asia lançara de dentro de poucos annos o Oriente sobre o Occidente. Pela entrada secular das antigas invasões amarellas, Chinezes e Japonezes correrão á conquista da velha Europa, ferozes e implacaveis guerreiros de Attila Tchengis Kan!

A Invasão Amarella a par das situações verdadeiramente empolgantes de que o auctor d'esta grandiosa obra enriqueceu o seu maravilhoso livro, fere-se tambem nella, com inexcidivel mimo, a nota sentimental, baseada n'um amor que leva aquelles que o partilham a prat car os mais audaciosos actos de heroismo.

60 RS. contendo sempre um episodio completo Cada numero **RS. 60**

Numeros publicados

1 O Rei do Pacifico. 2 O Phantasma do Oriente. 3 Em S. Petersburgo. 4 Em caminho de ferro. 5 Sobre um vulcão. 6 Na zona interdicta. 7 Anjo e demonio 8 O Campo dos Supplicios. 9 Aventuras d'um reporter. 10 Illusões perdidas 11 A vaga humana 12 Amor louco 13 O espectro do passado 14 Supplicio d'um pae. 15 Missão terrivel 16 A fuga para o Caspio 17 A batalha russa 18 Em Moscow 19 Morte do ultimo Hohenzollern 20 (e ultimo) De Berlim a Paris

---

A VIDA D'AVENTURAS

60 rs. CADA OBRA **rs. 60**

Texas Jack

◆ ◆ O Terror dos Indios ◆ ◆

A vida do celebre aventureiro americano, cujo nome corre do norte a sul no mundo *yankee*, como o d'esses heroes lendarios de antigas eras, é narrada nas empolgantes novellas que constituem a primeira serie da **A Vida d'Aventuras** com todo o colorido a que se presta a figura do incomparavel *gaucho* e a selvatica região onde decorrem os episodios.

Os titulos das obras já publicadas são os seguintes:

1. Um Heroe de dezoseis annos. 2. Os corvos da California. 3. Mulher demonio. 4. Massacre de Camp-Lencaster. 5. O ultimo rei dos Comanchios. 6. Os pesquisadores d'ouro do Arizona. 7. Texas-Jack, policia. 8. O Castello Mysterioso. 9. O segredo do caçador. 10. Desforra sangrenta. 11. O martyrio da virgem loira. 12. Vingança do Mormon. 13. Corrida para a morte. 14. A rainha dos bandidos. 15. Como Texas-Jack entrou seu pae. 16. A mala posta de Farmington. 17. O ladrão de milhões. 18. As nupcias de Buena-Vista. 18. A destruição de Troya. 20. Barnum e Texas 21 Cariti, o Salvador. 22. O bando negro do Texas. 23. O feiticeiro de Prescott-Park. 24. Por ares e ventos, 25 Uma Batalha subterranea. 26. O Casamento de Texas-Jack. 27. A revolta dos negros mexicanos. 28. O mercador de feras 29. A fonte da Morte. 30. Aventuras de 3 garotos no Far-West. 31. Um crime no deserto. 32 A ultima rainha dos Utah. 33. Bob, o Taciturno. 34. Um ataque ao comboio do Pacifico. 35. O Bufalo infernal. 36. A captura do 1200. 37. O desapparecido do Lago dos Ursos. 38. Morte de Jumper. 39 A noite sangrenta de S. Francisco. 40. O assalto ao Forte Mac-Rue. 41. O testamento do ermita. 42. Dente por dente. 43 O rei dos luctadores. 44. O lago dos crocodillos. 46. Um drama n'um tunnel. 47. O falso explorador. 48. A batalha do Monte dos Espiritos. 49. Aventuras d'um noivo. 50. O milagre do ar. 51. Façanhas d'um lord 52 A bandeira do regimento. 53. O martyrio d'um missionario 54 A cavalgada do rei da campina 55. O mysterio da floresta virgem

EMPRESA LUSITANA EDITORA

Calçada do Ferregial, 23—LISBOA